

CARTA DO
LÍBANO

Fabiana Saad,

EMPRESÁRIA DE
COMUNICAÇÃO
E TECNOLOGIA,
ALÉM DE ATIVISTA
PELOS DIREITOS
DA MULHER

Sálvia de
Souza Haddad

Katia Chalita

Juliana Zahr
Manssur

Graciane
Kerbej Sallum

Andrea Chamma

Silvia Odete
Morani Massad

Soraya Del Nero

Adriana Boulos

Maria Thereza
Trad

Carmen Ary
Ferreira

Marcela Saad
Gattaz

Nicole Mattar

Lara Selem

Rosário Jorge
do Amaral

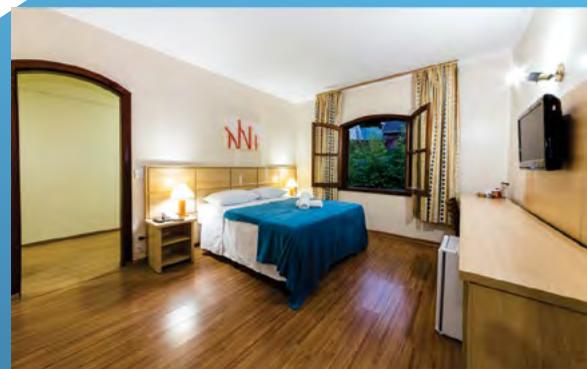
Dora Razuck

Carmen Helou

ESPECIAL

mulheres inspiradoras 2

Exemplos de força, resiliência e solidariedade para tempos de crise



reservas@eurosuihotelcampos.com.br
(12) 3663.7179 - 3663.7189 - 3663.7224
Av. Emílio Ribas, 100, Capivari

FAÇA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

FOZ DO IGUAÇU



**HOTEL GOLDEN PARK
INTERNACIONAL FOZ**



reservas@goldenparkinternacionalfoz.com.br
Reservas +55 (45) 3521-4100
Rua Almirante Barroso, 2006, Centro
Foz do Iguaçu - CEP 85851-010



UMA PUBLICAÇÃO
DA EDITORA NAIME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA · ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
TATIANA CASSER CSORDAS

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



NOSSA CAPA
FABIANA SAAD
FOTO
MARTA SANTOS

TEMPO DE MUDAR, APRENDER E SEGUIR EM FRENTE

Esta edição marca os 25 anos da revista **Carta do Líbano** - fundada em abril de 1995, em Belo Horizonte, em condições bem modestas e sem maiores pretensões além de informar seu público com boas histórias e os melhores personagens.

Durante esse quarto de século, a trajetória da revista tem sido pautada pela perseverança, pelo conteúdo envolvente de qualidade, conectado com a inovação e seguindo uma linha editorial sólida.

Assim conseguimos conquistar inúmeros leitores, falando com pessoas em todas as camadas sociais e levando nossa mensagem desde o sul até o norte do Brasil.

Ao longo dessa trajetória, **Carta do Líbano** acompanhou e se adaptou às mudanças ocorridas na sociedade e na vida das pessoas - diversificando assuntos, inovando a pauta, aprimorando seu projeto gráfico - para retratar da melhor maneira possível os fatos e acontecimentos de um mundo em transe.

Depois do sucesso de nossa primeira edição "Mulheres Inspiradoras", lançamos agora a segunda parte. E por aqui, na redação, ainda contamos com assuntos e personagens dignos de uma terceira edição.

Tempos de crise são assim, costumam nos estimular a ser mais corajosos, eficientes e criativos. Assim vamos superando as perplexidades do dia-a-dia e as consequências dessa pandemia que sacode o planeta há quatro meses.

É muito bom contar com o seu apoio e prestígio, caro leitor, na celebração do 25º aniversário de **Carta do Líbano**.

Muito obrigado!



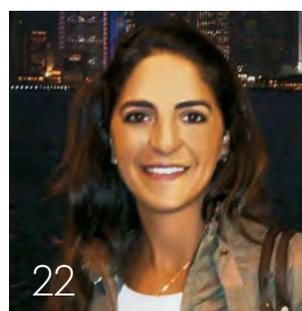
FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

SUMÁRIO

ANO 26 • NÚMERO 176 • 04&05.2020

CARTA DO
LIBANO



06 | Cartas

08 | Fabiana Saad
Transformação feminina

12 | Sálvia de Souza Haddad
Autora da própria história

14 | Katia Chalita
Conexão francesa entre Líbano e Brasil

18 | Juliana Zahr Manssur
Como manda o figurino

22 | Graciane Kerbej Sallum
Executiva à moda árabe

26 | Andrea Chamma
O capital do poder feminino

30 | Silvia Odete Morani Massad
Ao lado das boas causas

34 | Soraya Del Nero
Comércio, ciência e solidariedade

36 | Adriana Boulos
Finas estampas

40 | Maria Thereza Trad
“O sangue não vira água”

42 | Carmen Ary Ferreira
Construção com alma libanesa

44 | Marcela Saad Gattaz
Cardápio perfeito

46 | Nicole Mattar
No melhor momento

50 | Edmo Atique Gabriel
As mulheres são especiais e sua saúde cardiovascular mais ainda

52 | Lara Selem
Sob as leis dos cedros

54 | Rosário Jorge do Amaral
Cidadã do mundo

56 | Dora Razuck
A vida pode ser doce

60 | Carmen Helou
O cliente em primeiro lugar



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO · AGÊNCIA 0095 · CONTA CORRENTE 21114-1

CARTAS

Prezado Fouad

“Queira receber meus cumprimentos pela coragem jornalística ao editar um número da nossa Carta do Líbano em circunstâncias adversas para qualquer profissional. A destacar a bela homenagem ao universo feminino de origem libanesa, em atividades econômicas e sociais brasileiras.

Nacib Hetti
Belo Horizonte, MG

Prezado editor e amigo,

“Obrigado pela remessa da revista Carta do Líbano nº 174, como sempre farta de reportagens de interesse do Brasil e o Líbano.

Informo ao prezado amigo que os exemplares da edição especial sobre a Academia Paulista de Letras já foram entregues ao presidente da Academia Amazonense de Letras, Robério dos Santos Pereira Braga.

Gaitano Antonaccio
Manaus, AM

Caro Fouad,

“Adorei a reportagem e me senti muito orgulhosa de fazer parte desse time de bravas mulheres. Impressionante a repercussão da matéria! Obrigada.

Silvia Antibas
São Paulo, SP

Presença feminina libanesa no Ceará

“A Federação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras presta homenagem às mulheres da comunidade libanesa de Fortaleza, por sua representatividade em diversos setores de nossa sociedade.

Os destaques vão para: Saide Otoch Nasser, Maria Luiza Jereissati Ary, Nádia Saad Studart, Sonia Fecury, Clarice Romcy Ary, Cleide Otoch Buhamara, Zaira Ary, Salwa Hiluy Ary, Carmen Ary Ferreira, Najla Rabay Chehab, Silvana Romcy Moreira, Maria Salete Jereissati de Araujo, Helena Maria Romcy, Madiana Maria Romcy, Samira Sleiman, Norma Lazar Guimarães, Saide Otoch Midauar, Eleonor Ary, Neuza Bachá Turbay, Barbara Braide Busgaib, Sara Romcy Ary, Melissa Dallolio Cabral, Melissa Dall Olio Cabral e Rose Aimee Dummar Ary.

As demais damas de nossa sociedade sintam-se igualmente prestigiadas e homenageadas nesta justa homenagem à mulher de origem libanesa em todo o estado.

Cesar Aziz Ary,
presidente Felibra Ceará
Fortaleza, CE



CONHEÇA A UNILAGO

infraestrutura completa, diversos cursos em todas as áreas do conhecimento, corpo docente qualificado em uma faculdade.

4

conceito institucional na última avaliação de credenciamento

+60

cursos presenciais graduação e pós-graduação

+90

laboratórios dentro ou próximo ao campus



(17) 3354.6001
S. J. DO RIO PRETO - SP

UNIÃO DAS FACULDADES DOS GRANDES LAGOS
nada supera o conhecimento

conheça nossos cursos
www.unilago.edu.br

Fabiana Saad

Transformação feminina

Comunicação, tecnologia e ativismo social.

Assim a empresária Fabiana Saad Niemeyer se divide entre seus negócios digitais e os direitos da mulher. Sempre com muita paixão

O sobrenome Saad é sinônimo de comunicação no Brasil, mas para Fabiana Saad Niemeyer também representa inclusão. Empresária e ativista pelos direitos da mulher, ela atua no mercado digital há 20 anos e um de seus projetos de maior impacto social é o aplicativo Mulheres Positivas, criado para orientar no desenvolvimento de uma carreira profissional até a tão sonhada independência financeira. “A partir de webcursos, vídeos e ferramentas de acompanhamento diário”, explica Fabiana, também responsável pela gestão dos aplicativos BandNews, BandSports, Terra Viva e agora negociando o novo canal de agronegócio do Grupo Bandeirantes, chamado Agro Mais. “O objetivo é oferecer conteúdo *on demand* para que os usuários possam assistir e consumir nosso conteúdo em outra plataforma, em qualquer lugar a qualquer hora”, anuncia.

Mas o envolvimento com a causa feminina realmente é seu trabalho do coração. Tem publicados dois livros sobre o tema e, além do Mulheres Positivas, criou outro produto digital com

o mesmo foco, o SOS Mulher, em parceria com o Governo do Estado de São Paulo. Ambos têm como premissa estimular a independência financeira da mulher porém, o SOS Mulher é direcionado para pessoas em situação de vulnerabilidade - das classes D e E - enquanto o Mulheres Positivas foi desenhado, junto com a operadora VIVO, para uma base classes A e B. “Desenvolvemos uma pesquisa de mercado com mulheres de todo o Brasil e descobrimos que existem sete dores universais a serem trabalhadas”, informa. No momento, o aplicativo está em expansão para países da América Latina como Peru, Colômbia (via Telcel) e México (via Claro).

No Mulheres Positivas, um mix de diversos modelos bem sucedidos no exterior: “O objetivo é auxiliar a mulher justamente nos pontos em que mais apresenta fraquezas. Por exemplo, está comprovado que mulheres têm dificuldade em negociar tanto aumento de salário quanto posições no trabalho. Se a mulher não se capacitar, não estudar e não buscar ferramentas para uma ascensão no mercado corporativo, haverá um ganho muito pequeno quanto à presença feminina em altos cargos de gerência”, aponta.



FOTOS: MARTA SANTOS

Fabiana Saad Niemeyer é empresária de comunicação e tecnologia, além de ativista pelos direitos da mulher



Fabiana se inspira na vida de sua avó italiana: “Uma mulher muito independente e bem resolvida”

“Se a mulher gera renda, ela investe mais de 80% na família com educação, diferente do homem que investe apenas 50%”

Na verdade, o Brasil não se apresenta como um país positivo para suas mulheres. Fabiana lembra que o machismo é um problema na sociedade brasileira: “A mulher sofre não apenas violência física, mas também moral e patrimonial”, enumera, chamando atenção para o fato de ser um fenômeno que independe de classe social.

“Analisamos diariamente pesquisas e levantamentos para entender a situação da mulher brasileira versus o resto do mundo e encontramos situações muito complexas de serem resolvidas”, informa. Por isso defende que tanto a sociedade civil como o governo devem apoiar a mulher oferecendo-lhe meios de conhecimento e informação para sair da zona de vulnerabilidade em que se encontra. Nesse sentido a participação masculina é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Rodas de conversa com homens são incentivadas e aplaudidas por Fabiana.

“Há iniciativas importantes com foco no homem como, por exemplo, o projeto da delegada Renata Cruppi ‘Homem Sim, Consciente Também’”, conta. Trata-se de trabalhar com indivíduos de

perfil violento ou inseguro, convidando-os para um acompanhamento em grupo, independente de punição, buscando quebrar o ciclo da violência independente da espera de uma interferência do sistema de justiça, evitando ocorrências de crimes graves, ou mesmo reincidências criminais. O trabalho é feito com intervenção de psicólogo, advogados, economistas, profissional da saúde e educador físico. O objetivo é buscar a resignificação da vida e da importância da mulher na sociedade. “Os resultados foram excelentes com apenas 2% de novas reincidências”, comemora

Apesar dos resultados animadores da iniciativa, Fabiana sabe que a posição da mulher em nossa sociedade prossegue desconfortável e precisa ser trabalhada. “É o que me motiva todos os dias, para que eu possa, através da criação de produtos e serviços, fazer com que a mulher tenha um ganho em qualidade de vida”, fala com propósito. A ideia é oferecer mais saúde, educação e segurança, tendo como objetivo uma transformação no País a partir de uma próxima geração melhor capacitada. A empresária não tem dúvidas: “Quem cuida e dá a maior contribuição na criação dos filhos, em termos de horas, é a mulher. Então, se essa mulher tiver maior capacitação, renda, informação e qualidade de vida, consequentemente dará uma melhor formação e educação para a próxima geração. Essas sim serão as pessoas que farão do país em um lugar com melhores oportunidades para todos”, acredita. No discurso de lançamento do SOS Mulher, Fabiana foi categórica na comparação: “Se a mulher gera renda, ela investe mais de 80% na família com educação, diferente do homem que investe apenas 50%”.

Entretanto, ainda há um longo caminho a percorrer e Fabiana cita a pesquisa feita pela bilionária Melinda Gates - casada com Bill Gates, o proprietário da Microsoft - que mostrou que a mulher dedica sete anos e meio mais que o homem nas tarefas de casa. Tempo no qual ela poderia dedicar aos estudos para alavancar a sua carreira e, aí sim, conquistar independência financeira. “Se não houver mudança na legislação, sem lei de cotas etc., a mulher vai demorar mais de 200 anos para se equiparar profissionalmente ao homem. Portanto, eu sou a favor de cotas”, assume.

O maior problema é doméstico, segundo Fabiana: “Enquanto a situação da mulher não for regularizada dentro de casa, não haverá ascensão fora dela! Hoje a mulher, especialmente de classe baixa, é submetida a uma jornada muito sofrida. As tarefas precisam ser compartilhadas em todas as casas, em todas as famílias. A responsabilidade é de todos”, afirma.

Fabiana é formada em Comunicação com pós-graduação em Marketing Internacional, na Itália, e MBA em Marketing Digital, na Fundação Getúlio Vargas. No momento considera fazer mestrado na USP. “Se levanto a bandeira da capacitação, preciso ser altamente capacitada. Entendo que um mestrado na USP vai me abrir portas, me proporcionar diferentes olhares, diferentes perspectivas de análise que poderei replicar no meu dia a dia e fazer com que meus produtos sejam mais eficientes e eficazes para o consumidor final, que é a mulher”.

A tecnologia e a interatividade do mercado digital atraíram Fabiana há 20 anos. Com a evolução tecnológica surgiram produtos como os aplicativos que hoje ela desenvolve. Ela foi observando o mercado mudar de acordo com a mudança de hábitos do consumidor, que hoje acessa o conteúdo antes exclusivo da TV em outras mídias como os smartphones. “Há três anos o conteúdo da Band Sports passou a ser disponibilizado também através aplicativo. O consumidor não precisa mais ser refém de uma grade pré-estabelecida pelos veículos de comunicação”, exemplifica.

Sobre a família, a empresária cita como modelo e inspiração de vida a avó italiana. “Cresci ouvindo as histórias dela e isso sempre me deu muita força, porque era uma mulher muito independente e bem resolvida”, lembra com carinho.

Fabiana encerra recordando o avô, imigrante que chegou ao Brasil com quase nada e se fez sozinho até estar à frente de um dos maiores grupos de comunicação do país. “Por isso acredito na força do trabalho. Se as pessoas lutarem, se esforçarem, tiverem resiliência e foco, podem de fato transformar um país. De alguma maneira meu avô transformou esse país. E hoje, nesse mundo onde a mulher tem espaço e está em ascensão, mais do que nunca acredito que nós mulheres podemos sim fazer a diferença e desenvolver um país melhor para todos”. ■

Sálvia de Souza Haddad

Autora da própria história

A escritora Sálvia de Souza Haddad é manauara e descendente de sírios. Para Carta do Líbano, fez um relato inspirado sobre suas raízes, seu trabalho e a influência árabe, fundamental em tudo o que faz

“**M**eu avô, Jorge Haddad, diante da guerra e da pobreza da Síria, saiu de Damasco aos 18 anos, motivado pela busca de uma vida de paz e prosperidade.

Após algum tempo na França, aportou no Brasil e soube que no Amazonas a borracha havia aberto portas para muitos. Seguiu viagem e estabeleceu-se em Manaus, onde, após um tempo, casou-se com Nazaré Haddad, também de origem síria. Meu pai, Mário Haddad, e seus irmãos nasceram em Manaus e a família aqui estabeleceu seus negócios e sua vida.

Nós, a segunda geração, também aqui nascemos e recebemos esta influência de antepassados que, diante da adversidade, responderam com coragem.

Tenho 42 anos, sou graduada em Direito pela Universidade Federal do Amazonas, pós-graduada em Processo Civil e Direito Tributário, mestranda em Direito Constitucional, com temática acadêmica inserida no Direito Médico,

mais especificamente, no estudo da morte digna em nosso ordenamento jurídico. Trabalho como procuradora do Estado do Amazonas.

Sempre me senti atraída pela literatura e, anos atrás, iniciei meus escritos em forma de crônicas, sem saber ao certo no que aquelas palavras se transformariam. Quando estava grávida de meu terceiro filho, meu esposo foi diagnosticado com um câncer agressivo e, em 2012, faleceu nos deixando desolados. Iniciou-se um processo de forte luto e sofrimento, que intensificaram minha ligação com a escrita. Desse período nasceu “Mel e Fel – Retalhos de Vida” (2013) e “Teus Olhos de Capitu” (2015), marcando de vez minha entrada no mundo literário amazonense.

Conciliar profissão e vida pessoal sempre representa um desafio imenso. Mas após minha prematura viuvez, esse desafio cresceu exponencialmente e me vi, como meu avô, diante de uma adversidade que demandava enfrentamento e coragem. Foi preciso reconstruir minha vida com meus três filhos, assumindo os custos, sempre altos, que nós, mulheres, assumimos diante de



situações tais. Hoje as demandas estão mais equalizadas, mas segue sendo esse o maior desafio de minha vida: conciliar a Sálvia mulher, menina, filha, irmã, mãe, profissional, artista, amiga.

Em 2018 pude viajar ao Líbano com a Igreja Maronita de Campinas, guiada pelo padre Silouanos, e pude estar mais próxima para conhecer a realidade de nosso povo, uma região que convive com o conflito constante e, a despeito disso, vi um povo gentil e hospitaleiro, resiliente e lutador. Tentamos viabilizar uma ida a Damasco, mas não foi possível por questões de segurança.

Desde criança, ouvia meu pai falar de meu avô e de sua saga em busca de uma vida melhor. Sempre tive contato com outros parentes sírios, que inclusive, preservavam o árabe em seus encontros, língua que ainda tenho muita vontade de aprender. Adoro fumar narguilé. Aprendi negociação vendo meu pai conduzir sua vida empresarial. Assim como meu avô, meu pai tinha o dom para negócios, um verdadeiro e genuíno turco mascate. As influências de minhas origens são muitas e se espalham pela minha vida e meu modo de ser.” ■

FOTO: DIVULGAÇÃO

“Anos atrás, iniciei meus escritos em forma de crônicas, sem saber ao certo no que aquelas palavras se transformariam”

Katia Chalita

Conexão francesa entre Líbano e Brasil

Katia Chalita não é fluente apenas em português, árabe e francês. Em uma trajetória profissional bem-sucedida, desvendou a linguagem do ensino, da política e da comunicação. Sempre com tempo para visitar a terra dos Cedros

Ela é filha, neta e bisneta de libaneses. “Meus pais, Sayd Chalita e Juliette Hakim Chalita, me registraram no Brasil e no Líbano, como era costume na época. Tenho muito orgulho de minha nacionalidade libanesa”, declara a carioca Katia Chalita, presidente da Aliança Francesa no Rio de Janeiro e presidente do Instituto Cultural Brasil Líbano. E vai além: “Quando olho para minha trajetória como professora e tradutora, coordenadora da língua francesa em duas universidades, âncora e consultora em programas televisivos sobre a cultura francesa, posso afirmar que as históricas francofonia e francofilia libanesas influenciaram fortemente minha opção profissional”, avalia.

Pelo lado paterno, Katia descende de libaneses de Beit Menzer, vilarejo nas montanhas ao norte do país. “No entorno da casa onde nasceu meu pai, estende-se a bela vinícola dos meus primos, que produzem atualmente o vinho libanês da mais alta qualidade: o *Château Mont d’Almaz*”, revela. Por parte de mãe, a família é originária de outro vilarejo também ao norte, Hasroun. “É conhecido como a ‘Flor do Líbano’ devido ao belo efeito formado pelo conjunto de seus telhados vermelhos vistos de longe”, ilustra de modo poético.

Aos 67 anos, ela vive no Rio de Janeiro, porém por mais de uma década morou em Petrópolis, em busca de melhor qualidade de vida enquanto os filhos estavam crescendo. São quatro: Eduardo Augusto, 42 anos; Maria Eduarda, 40; Bernardo Henrique, 38; e a caçula Maria Fernanda, 30 anos. Nessa época, apesar



FOTOS: GIOVANNA FRANGE

Além de presidente da Aliança Francesa no Rio de Janeiro, Katia Chalita atua como consultora das áreas de comunicação, cultura e mídia-educação



A herança cultural libanesa conferiu a Katia uma grande facilidade para o aprendizado, domínio e ensino de línguas estrangeira

Nas emissoras TV Educativa, Band e Multirio foi âncora, consultora e mediadora em diversos programas sobre a cultura e a língua francesas e outros

de ter diminuído a carga profissional para se dedicar aos cuidados com eles, se envolveu com as questões sociais da cidade. “Acabei ingressando na política, me candidatando a deputada estadual e a prefeita de Petrópolis”, conta. Dessa experiência colheu uma evolução profissional. “A política me conduziu ao campo da mídia e da TV, onde trabalhei como apresentadora, consultora e roteirista de programas educativos e culturais por 26 anos”, informa satisfeita.

No momento, além de presidente da Aliança Francesa, Katia Chalita também atua como consultora das áreas de comunicação, cultura e mídia-educação. É também sócia-diretora da empresa *Ákbar* Assessoria e Consultoria em produções e projetos artísticos, sociais e culturais; além de membro da Academia Petropolitana de Letras. E prepara-se para as comemorações do 135 anos da Aliança Francesa no Brasil, a primeira a ser inaugurada no mundo depois da sede em Paris.

Nos últimos anos, seu principal foco no trabalho são as áreas de comunicação, cultura e educação. Nas emissoras TV Educativa, Band e Multirio foi âncora, consultora e mediadora em diversos programas sobre a cultura e a língua francesas e outros que abordavam temas fundamentais da educação. Hoje está à frente de um projeto para a divulgação da cultura libanesa a partir da francofonia.

Na verdade, Katia nunca esteve longe das origens, tendo viajado ao Líbano inúmeras vezes. A primeira aos 7 anos, para aprender o árabe e conviver com o que havia de mais genuíno e verdadeiro em um lar libanês. Em outras viagens teve a oportunidade de explorar a fundo a terra dos antepassados, mergulhar na rotina das famílias e conviver com pessoas de todas as idades, aperfeiçoando seus conhecimentos sobre o idioma e a cultura do país. Seu grande companheiro nessas jornadas é o marido, João de Saint Brisson Paes de Carvalho. “Como grande parte da minha família vive lá, tanto por parte de mãe quanto de pai, consigo manter a conexão com minha identidade e minhas raízes”, diz.

A herança cultural libanesa também conferiu a Katia uma grande facilidade para o aprendizado e o domínio de línguas estrangeiras. É notório e

admirável o plurilinguismo dos libaneses, que se expressam minimamente em três línguas: árabe, francês e inglês. Habilidade natural de um povo que saiu navegando pelo mundo e soube chegar, trabalhar e conquistar muitas paragens do planeta.

Essa habilidade linguística acabou abrindo oportunidades profissionais para Katia, que tem uma longa e reconhecida trajetória como tradutora de francês-português. Traduziu para o português inúmeras séries educativas e culturais para a TVE Brasil, Discovery Channel e TV Escola, além de ter traduzido os “Cadernos do Cinema Contemporâneo Francês”, editados pelo SESC-RJ, e o livro “Semiótica Narrativa dos Textos Bíblicos”, de Claude Chabrol, publicado pela editora Forense Universitária.

No campo da comunicação, é ainda uma requisitada Mestre de Cerimônias poliglota em congressos e seminários nacionais e internacionais, inclusive aqueles com a presença de presidentes e chefes de Estado.

Como é natural para libaneses globalizados, Katia Chalita também enveredou por uma carreira internacional, realizando palestras e apresentando trabalhos em congressos e seminários no Brasil e no exterior.

No Líbano, foi *keynote speaker* do Colóquio Internacional América Latina-Oriente Médio, da Universidade Saint-Espirit de Kaslik, sobre o tema “*Mémoire et Immigration dans la Construction de Nouvelles Cultures*”, além de palestrante em três edições do Congresso Biovision, na Bibliotheca Alexandrina, no Egito, sobre a “Comunicação e TV a serviço da democratização da ciência”; sobre a “Ética na produção de mídia educativa para a TV”; e sobre as séries educativas de TV levando a ciência para a sala de aula.

Com a experiência de mais de 20 anos conduzindo no Brasil programas de TV sobre a cultura francesa e temas de educação, compartilhou esse conhecimento em seminários e congressos, abordando o papel do programa Restez Br@nché no acesso do público brasileiro à língua e à cultura francesas e discorrendo sobre o Programa France Express como suporte para o ensino do Francês Língua Estrangeira. ■

Juliana Zahr Manssur

Como manda o figurino

Assim como entende de moda e estilo, Juliana Zahr Manssur conhece as oscilações do mercado brasileiro. Também é consciente dos valores sólidos de sua herança árabe

Empresária e estilista, Juliana Zahr Manssur faz questão de dizer: “Venho de uma família de mulheres muito fortes e é nelas que me inspiro”. Nascida em São Paulo, ela pertence à quarta geração de uma família de imigrantes sírios. Seus avós maternos, Alfredo Narchi e Jaide Hussni Narchi, no Brasil. Enquanto o avô paterno, Nagi Zahr, nasceu em Homs e se casou com Isabel Calfat Caucabeni, brasileira de origem libanesa.

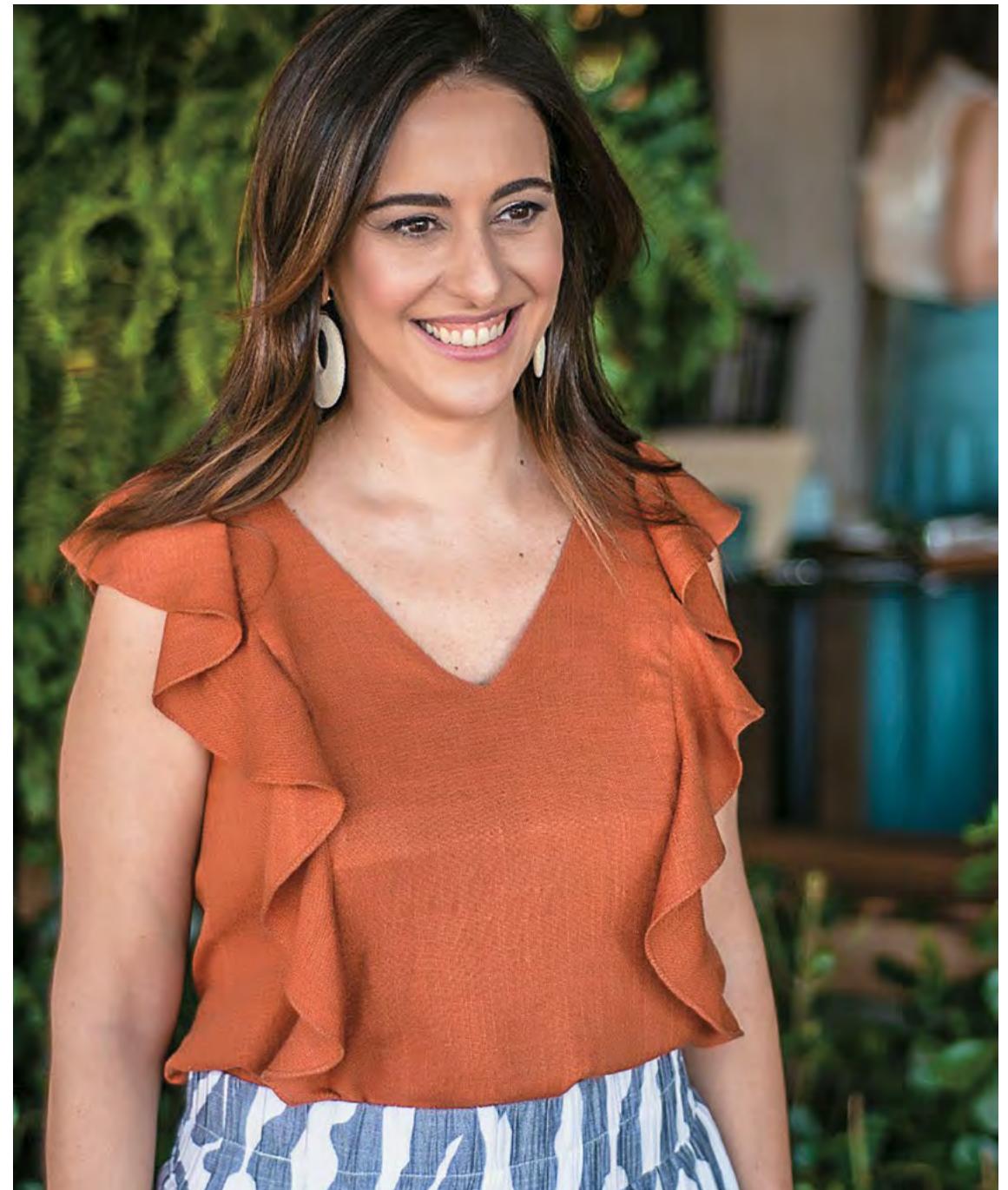
Hoje, ao lado da mãe, Eliana Narchi Zahr, e da tia, Lilian Narchi, ela comanda a Joupí, sua própria grife de moda, criada há dois anos. “Meu conceito são roupas que deixem as mulheres confortáveis, atuais, com estilo e bem vestidas em todas as horas do dia”, resume. O público alvo são mulheres ativas, profissionais de diversas áreas, conscientes de sua personalidade e essência.

Os avós de Juliana foram lojistas estabelecidos na rua 25 de Março. Alfredo Narchi comercializava roupas de cama, mesa e banho, enquanto Nagi Zahr era do ramo de armarinhos e perfumaria. “Meus tios também eram comerciantes na 25, trabalhando com roupas de bebê. A confecção foi um segmento novo na família”, observa.

Juliana sempre se interessou por moda e naturalmente optou pelo curso na universidade Anhembi Morumbi. Ela conta que na época, por ser um curso novo, nem todo mundo entendia o que ela iria estudar e diverte-se lembrando: “Meu avô perguntou se eu ia ser costureira e meu sogro me perguntou, ‘Você vai ser modelo?’”.

O primeiro emprego na área foi no grupo Valddac e, em seguida, se transferiu para a marca Bob Store, bastante conhecida e conceituada, onde permaneceu por dois anos. Quando se aproximou a data de seu casamento - com João Roberto Dellivenneri Manssur, também de origem libanesa - Juliana decidiu abrir o próprio negócio, uma empresa que chamou de Bazahr. “Era um sonho de juventude, gerar empregos, ser dona do meu trabalho”, diz hoje. Na Bazahr ela passou ser fornecedora da Bob Store, confeccionando roupas com a etiqueta da marca. O negócio cresceu, vieram outros clientes e, nesse momento, ela passou a ter a colaboração da mãe e da tia. Assim nasceu a Joupí.

Hoje, além da loja física, a marca conta com o e-commerce, através do site www.joupi.com.br - onde as clientes podem acompanhar lançamentos, sugestões, eventos - e das redes sociais, no



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Empresária e estilista, Juliana Zahr Manssur tem como inspiração as mulheres fortes de sua família



Um legado de tradição e integridade: Juliana entre a mãe, Eliana, e a tia, Lilian

Juliana: ‘Não sei se é herança da minha família ou da cultura árabe, mas nossa preocupação é sempre pensar no próximo’

Instagram (@joupi_oficial). “Criamos um sistema de atendimento mais pessoal: a cliente escolhe o que deseja online, as peças são entregues em domicílio e ela pode provar com calma e finalizar a compra. São as nossas famosas malinhas. Temos o private label e o varejo”, explica. Segundo Juliana, suas coleções são destinadas para mulheres dos 18 aos 70 anos e acaba de lançar uma coleção teen, para meninas entre 10 e 18 anos.

A estilista é bem consciente das dificuldades do oscilante mercado brasileiro de moda. “Ninguém pode negar que 2019 foi um ano muito difícil, porém acredito que o mercado de confecção sofreu mais a partir da abertura das importações, com a entrada de mercadoria importada, principalmente as chinesas”, avalia.

Ela observa que o empresário brasileiro não conseguiu competir com os importados e, nessa época, algumas tecelagens fecharam as portas, diminuindo consideravelmente o parque industrial nacional. Sem falar no problema a mão de obra com pouca capacitação. “Esperamos que a criação de cursos técnicos e a conscientização da nova geração consigam superar essa dificuldade”, calcula.

A responsabilidade social por parte das empresas passou a ser uma séria exigência, com a criação de certificados da procedência das peças para combater mão de obra ilegal e a exploração do trabalho escravo.

Além disso tudo, o empresário brasileiro se vê pressionado pelas cargas tributárias. “Quem tem um negócio, trabalha de acordo com as normas, dentro da lei e mantém as contas em dia é, por si só, um vencedor”, desabafa Juliana.

Apesar de tudo, ela vê o futuro de forma positiva: “Estão surgindo várias pequenas marcas como a minha, que talvez não venham a ser grandes marcas, mas são roupas que o consumidor conhece a origem, sabe de onde veio”. São produtos que vão da confecção direto para o varejo e chegam ao consumidor sem intermediários. Tudo de acordo com a tendência do consumo mais consciente e sustentável. “Nossa mão de obra é diferenciada e oferecemos um produto mais sofisticado, mais bacana, com conceito de moda”, orgulha-se.

“ Nossa mão de obra é diferenciada e oferecemos um produto mais sofisticado, mais bacana, com conceito de moda ”

Cada passo da produção é observado por Juliana, ao lado da mãe e da tia, para garantir o máximo de qualidade. Da criação ao desenvolvimento, da execução de peças pilotos ao produto final. Ela acrescenta: “Não sei se é herança da minha família ou da cultura árabe, mas nossa preocupação é sempre pensar no próximo. Aqui consideramos muito nossos funcionários, tanto que alguns estão comigo desde que comecei e outros se formaram na empresa. Temos o cuidado de ser muito corretos, cumprir com nossas obrigações. Prezamos muito nossa idoneidade, nosso nome e nossa família. É o nosso maior legado”.

Por falar em família, Juliana tem três filhas a quem dedica o maior tempo possível. “Costumava viajar muito para acompanhar lançamentos e tendências, hoje isso se tornou muito difícil”, conta.

Sempre que pode leva as filhas para o trabalho: “Elas pegam retalhos dos tecidos, inventam brincadeiras, outro dia uma delas costurou uma bolsinha”. Talvez no futuro, as filhas possam dar continuidade à empresa que é familiar... “O futuro a Deus pertence”, diz Juliana com um misto de orgulho e esperança. ■

Graciane Kerbej Sallum

Executiva à moda árabe

Depois de uma bela trajetória nos negócios multinacionais, Graciane Kerbej Sallum decidiu por um período sabático junto à família. Um resgate oportuno e sentimental das raízes libanesas e sírias

Ela gosta muito de falar sobre a importância do trabalho em sua vida. Começou cedo, como estagiária, ainda estudante da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, onde se formou administradora de empresas, até se tornar diretora. Graciane Kerbej Sallum fez uma carreira bem sucedida, trabalhando como executiva comercial e de marketing de gigantes multinacionais como Johnson & Johnson, YUM Brands (maior rede de fast food do mundo, proprietária das marcas Pizza Hut, KFC e Taco Bell) e Hasbro (Toys and Games).

“Sempre prezei muito meu trabalho e minha profissão pelas fantásticas experiências que me proporcionaram”, diz orgulhosa. E enumera os motivos: aprendizados em áreas diversas, contato com múltiplas culturas, enfrentar crises, administrar a pressão por resultados, ter jogo de cintura para lidar com pessoas de diferentes perfis, além das ótimas vivências internacionais. “Estive até na China para reuniões executivas”, destaca.

Casada com o advogado Rogério Bassit Sallum e mãe de Lorena, 3 anos, e do pequeno Alex, nascido em março passado, está em pausa profissional - aliás, como todo mundo. Mãe coruja assumida, ela decidiu se ocupar da família em tempo integral depois do nascimento da primogênita. “Quando vi o primeiro

sorriso da minha filha, sabia que minha vida dali em diante seria totalmente diferente e não conseguiria passar tanto tempo do dia longe dela”, derrete-se.

Decidiu por um período sabático e não se arrepende. “Vivo não somente para meus filhos e meu marido, como estreitei ainda mais os laços com meus pais e minha irmã, Fabiane Kerbej Haddad, mãe dos meus sobrinhos queridos, Gabriel de 9 anos, e Michel, de 5”, conta.

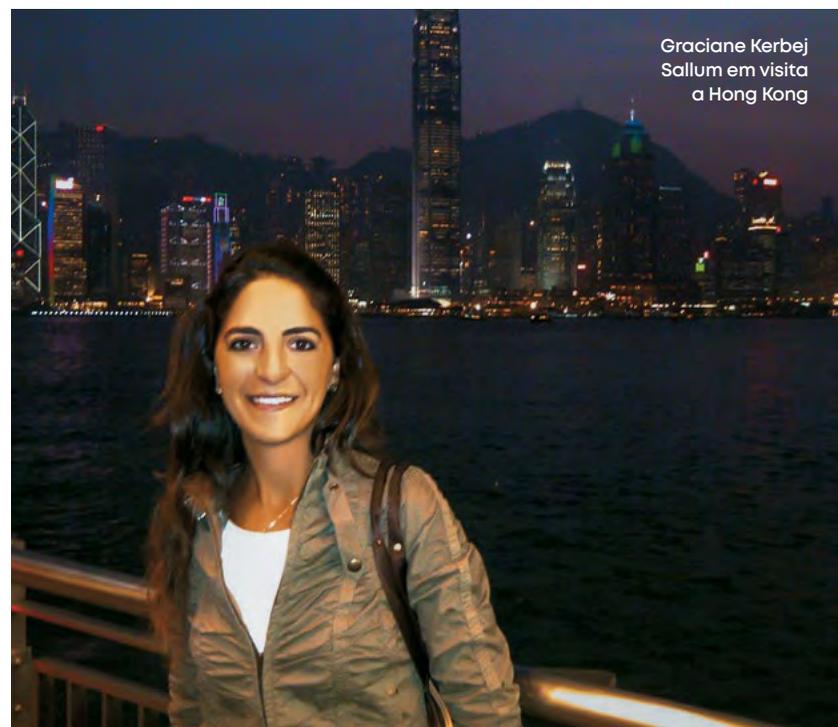
O motivo e inspiração para o investimento na família tem tudo a ver com suas raízes. Ela até resgatou uma memória que marcou a infância: “Descobri um dom que herdei da minha avó materna, Josephina, que é bem típico da nossa cultura síria e libanesa... a arte de cozinhar! Nunca esquecerei as reuniões e almoços de família nas mesas maravilhosas da minha Sito (‘avó’ em árabe)”.

O pai de Graciane, José Kerbej, nasceu na cidade libanesa de Zahle e chegou ao Brasil ainda jovem, para se juntar ao tio, Georges, já comerciante em São Paulo. Os dois se estabeleceram na ladeira Porto Geral, na região da 25 de março, onde mantiveram duas lojas por vários anos. Já a mãe, Munira Hilal Kerbej, é brasileira, filha de imigrantes sírios de Alepo. O avô materno chegou com os irmãos, para viver em São Paulo, mas foi em Vitória, no Espírito Santo, que encontraram uma grande oportunidade para se estabelecer. Como eram extremamente empreendedores, os



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Graciane Kerbej Sallum fez carreira bem-sucedida como executiva comercial e de marketing de gigantes multinacionais como Johnson & Johnson, entre outras



Graciane Kerbej Sallum em visita a Hong Kong

“Quando vi o primeiro sorriso da minha filha, sabia que minha vida dali em diante seria totalmente diferente e não conseguiria passar tanto tempo do dia longe dela”

irmãos Hilal se tornaram a família de comerciantes referência na cidade, participando ativamente no desenvolvimento da capital capixaba. “Eles abriram avenidas, construíram edifícios, clubes e foram grandes anfitriões das famílias libanesas e sírias que chegavam para viver no Espírito Santo”, orgulha-se Graciane.

Ela tem certeza de que a maior herança que lhe foi legada por ambas as famílias é a arte de negociar. “Está no meu DNA”, garante. Por isso, sempre que lhe perguntavam qual a sua profissão, ela respondia convicta: “Sou negociadora”.

Além da negociação, Graciane sempre se interessou pela cultura árabe em geral. O idioma, a culinária, os valores morais e a educação. Costuma dizer que foi criada “à moda árabe” e pretende passar a mesma formação para os filhos. “Sou da geração que ainda tem um pai que chegou aqui de navio para tentar a vida, o que é difícil de encontrar entre meus amigos e pessoas da minha idade”.

Nas várias vezes que esteve no Líbano e na Síria, encontrou familiares - muitos ainda vivem em Zahle - visitou locais históricos, se deliciou com os restaurantes e aproveitou a efervescente vida noturna local. Porém, o que mais a fascinou foi poder vivenciar o dia a dia do povo libanês: “Eu me senti parte dele, minhas raízes são muito fortes”, conclui. ■



Câmara de Comércio Árabe Brasileira
الغرفة التجارية العربية البرازيلية

Março é um mês muito especial. Comemoramos nele o **Dia Internacional da Mulher** e, também, o **Dia Nacional da Comunidade Árabe**. A Câmara de Comércio Árabe-Brasileira presta sua homenagem à todas as mulheres, especialmente àquelas que tem o orgulho de serem tanto árabes quanto brasileiras!

Câmara de Comércio Árabe-Brasileira



Andrea Chamma

O capital do poder feminino

Bem-sucedida no mercado financeiro, meio profissional predominantemente masculino, Andrea Chamma continua desbravando caminhos. Agora une tecnologia e engajamento social. E avisa: “Tenho fogo no nome”

Administradora de empresas com carreira de sucesso no mercado financeiro internacional, Andrea Chamma também é referência brasileira quando o assunto é empoderamento feminino.

Seu protagonismo vem do fato de ter trabalhado como vice-chairman e chefe de relacionamentos com investidores institucionais no Brasil, no Bank of America Merrill Lynch, nos Estados Unidos e na Europa. Foi inclusive personagem de matéria na revista americana “Forbes” - especializada no mundo da Economia & Negócios - e dá palestras sobre assuntos financeiros em todo o Brasil - como na Amchan, Câmara Americana.

Andrea nasceu em São Paulo, há 54 anos, e cursou especialização em Gestão Empresarial nas universidades americanas de Harvard e Columbia. Enquanto esteve no Merrill Lynch, liderou o grupo Diversidade & Inclusão em 13 países, recebendo o prêmio global da instituição pelo trabalho

no desenvolvimento da liderança feminina. Atualmente vive em São Paulo e é membro do grupo de Diversidade de Gênero do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC).

Seus avós paternos vieram do Líbano, como ela conta: “Meu avô veio de Trípoli, no Líbano. Vovó não tenho certeza, mas sei que eles vieram para o Brasil depois que se casar, por volta de 1925”. Aliás a avó de Andrea, Emília Chamma é uma das principais influências em sua vida. “Digo que minha família era um matriarcado porque tudo girava em torno de vovó. Ela era uma refugiada e a solidariedade que sinto hoje pelas mulheres em geral e pelas refugiadas que chegam ao Brasil é porque reconheço nelas a minha avó”, resume. Emília Chamma teve seis filhos, cinco mulheres e um homem, o pai de Andrea. Ele nasceu no Brasil, assim como duas de suas irmãs. “Todas as minhas tias eram mulheres fortes maravilhosa”, diz com entusiasmo.

Para Andrea, a cultura do trabalho e da ética libanesa presente em sua vida vem do acolhimento



FOTOS: MARTA SANTOS

Andrea Chamma é profissional de sucesso no mercado financeiro e referência brasileira em empoderamento feminino no trabalho



Andrea já correu o mundo fazendo palestras. Esteve em lugares distantes como Cazaquistão e Sibéria, falando de investimento e novas empresas

“Hoje a sociedade deseja empresas que sejam mais humanas, que cuidem da comunidade. E nós mulheres fomos ‘treinadas para cuidar’”

da família e da comunidade formada pelos imigrantes. A própria questão do investimento e do comércio em sua carreira é de influência libanesa. “Comecei minha vida profissional na área de vendas, vendendo ações e lidando com investimentos”, lembra. E avisa: “Também tenho um lado libanês que adora tecidos. Em minha casa tenho gavetas de 1 metro e meio, para guardar rolos de tecido”, comenta.

No momento ela trabalha na área de tecnologia: “Sou adviser de startups, aconselhando novas empresas que estão entrando no mercado”, informa. A questão social entra no escopo de suas atividades, pois acredita que é obrigação do cidadão devolver para sociedade aquilo que conquistou: “Por isso estou envolvida em projetos de saúde e educação”. Além das áreas e governança e valor, onde se destaca a atuação das mulheres no mercado de trabalho.

Andrea explica: “Hoje a sociedade deseja empresas que sejam mais humanas, que cuidem da comunidade. E nós mulheres fomos ‘treinadas para cuidar’. Quando se discute ecologia, propósito, cidadania, tudo isso é cuidar”.

No projeto de diversidade do qual faz parte no IBGC, Andrea trata muito desses temas com foco na atuação feminina. E faz uma ressalva: “Nada de colocar mulheres contra homens. A ideia é promover a multiplicidade de características”. Faz parte de um amplo projeto de inclusão de todos os segmentos da sociedade: “Será que nós, de ascendência libanesa, não somos capazes de proporcionar o acolhimento de refugiados de uma maneira mais concreta”, indaga.

Unindo a expertise em finanças com tecnologia e consciência social, Andrea já correu o mundo fazendo palestras. Já esteve em lugares distantes como o Cazaquistão e a Sibéria, falando de investimento e novas empresas. “Não dá para falar de empresas, de investimentos, sem falar de gente. Está tudo ligado”, ensina.

Segundo Andrea, o maior desafio para as empresas tradicionais é justamente esse, pois

a nova geração rejeita a antiga relação rígida de pirâmide: “Eles querem troca, mobilidade, velocidade, descentralização. Por isso precisamos rever processos e aí entra o papel da tecnologia e engajamento social”. Exemplificando, ela aponta um período de bom desempenho da Economia brasileira: “Foi quando tivemos 40 milhões de pessoas da classe D ascendendo para a classe C. Geração de renda, distribuição de renda é bom para todo mundo”, analisa.

Calorosa e bem humorada, Andrea gosta de dizer que tem “fogo no nome”: Chamma. Mais uma vez recorre às origens: “Os árabes têm personalidade, presença. Falo para mil pessoas, cinco mil... Então, essa coragem vem de alguém que teve o exemplo. É a coragem da minha avó, que chegou aqui sem falar a língua, com três filhos. Isso é coragem”, orgulha-se.

Junto com a herança libanesa, ela revela que também tem sangue nordestino, que vem se seu avô alagoano. “É uma boa mistura!”, comemora. “Faço muito bem jantar e festa, mas não sou de cozinhar, sei escolher tudo”, brinca.

O pai de Andrea, Elia Chamma - engenheiro responsável pela construção da barragem da Hidrelétrica Sobradinho, na Bahia - é outra influência fundamental em sua vida. “Ele é muito trabalhador. Está com 85 anos, mas é ativo, interessado”, diz carinhosamente. Ela conta: “Hoje eu saí com o meu e falei, ‘a gente podia parar para comer um quibe’. Ele se virou para mim e disse, ‘só se for de peixe’. Porque quibe de peixe, na minha casa, da minha avó, das minhas tias, da minha mãe, é a grande comida”.

Embora sinta a influência de suas origens em cada momento do seu dia a dia, ela ainda não visitou o Líbano. Mas carrega a herança ancestral e a cultura do povo: “Tem essa questão de se importar com o próximo, do acolher, essa coisa do servir ao outro. O entendimento de que somos todos iguais. Sempre vi isso na minha família, todo mundo sendo sempre bem tratado. É a ética libanesa, muito presente em minha vida”, conclui. ■

Silvia Odete Morani Massad

Ao lado das boas causas

A jovem Silvia Odete Morani Massad está engajada na defesa direitos da mulher. Reserva a mesma paixão no respeito e valorização às tradições libanesas, que aponta como referência e inspiração de vida

Advogada na área contratual do Direito Civil, a carioca Silvia Odete Morani Massad atua igualmente como membro-diretora da Associação Brasileira de Mulheres de Carreira Jurídica do Rio de Janeiro e é membro da Comissão da OAB Mulher da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção Rio de Janeiro. Dedicada à sua área profissional, ela a define com vigor e paixão: “Advogar é uma missão, porque a advogada é uma intermediária entre seu cliente, um problema, o Estado e a solução do problema. É uma honra ser garantidora do Estado de Direito, estando na linha de frente na proteção das garantias de todos.

Em seus 26 anos - e pós-graduada em LL.M Litigation na FGV-Rio - Silvia já publicou três livros em coautoria: “Conversas sobre Direitos II”, “Direito das Minorias” e “Direito Moderno e Seus Reflexos” (Ed. Conquista). Conta que, logo após a conclusão da última obra, voltou-se para o planejamento de alguns projetos pessoais de empreendedorismo a partir de ideias estabelecidas por sua família. Cita, como exemplo e inspiração, “duas lendas”, seus avôs paterno e materno: Farhan Massad e Cesar Morani, respectivamente. “Esses brasileiros e libaneses dedicaram-se ao trabalho com fé e perseverança

incomuns aos jovens recém iniciados na vida”, ressalta. Farhan Massad, renomado empreendedor, comerciante e exportador de café pelo Porto de Santos, nascido na cidade de Marjayoun, sul do Líbano, ensinou: “O crédito é mais importante que o dinheiro”.

Silvia valoriza as raízes libanesas - suas origens vieram de Marjayoun, Chekka e Daraya - com verdadeira devoção e cita o escritor e pensador Gibran Khalil Gibran, que disse: “Você tem o seu Líbano e eu tenho o meu”. Reiterando a visão do autor de “O Profeta”, diz: “O Líbano dele era diferente de todos os outros e, hoje, minhas raízes libanesas impactam positivamente todos os âmbitos da minha vida”. Assim, declara-se leal ao Líbano como país de origem, pois ele se mantém imutável às tradições, procurando sempre evoluir como sociedade cada vez mais igualitária. “Devemos aprender com o exemplo dos imigrantes, ajudando e promovendo um ao outro e, com isso, nos reconectar com nossas raízes”, acredita.

Sobre o espírito de solidariedade presente na cultura libanesa, Silvia cita como exemplo uma passagem de seu avô materno, Cesar Morani, ao ser questionado como conseguiu construir e manter uma das maiores cadeias de indústria e estabelecimentos comerciais no Brasil. “Ele respondeu com simplicidade, falando do princípio que é



FOTOS: LINO FRANCO

A advogada carioca Silvia Odete Morani Massad dedica-se ao métier com vigor e paixão



“Líbano, você sempre estará no meu coração e sempre serei a sua filha”, declara a mais libanesa das cariocas, Silvia Odete

“ **Sempre fiz questão de tratar meus colaboradores com humanidade, valorizando-os ao máximo, pois agindo assim tenho em cada funcionário um amigo** ”

necessário somar para dividir”, conta. Nas palavras do próprio Comendador: “Sempre fiz questão de tratar meus colaboradores com humanidade, valorizando-os ao máximo, pois agindo assim tenho em cada funcionário um amigo. Tendo um amigo ao meu lado, o quociente de preocupações fica reduzido a zero e o empresário que não se deixa fulminar pelas preocupações é melhor sucedido”, ensinou. “Assim concilio o alcance das minhas metas pessoais e a rotina do trabalho e da família com muita disciplina”, explica Silvia. Outra máxima que respeita é: “O que não é medido, não é gerenciado”. Assim, mantém o foco na busca de soluções para as adversidades do dia-a-dia: “Sempre contando com o trabalho árduo de cada pessoa da minha equipe”, faz questão de frisar.

O Líbano faz parte da sua rota de viagens há anos e por diversos motivos: turismo, trabalho e para visitar familiares e amigos. “É um país pequeno, porém admirável, herdeiro da antiga Fenícia, com as maravilhosas Tiro, Sidon, Biblos e Tripoli em seu litoral, cidades conhecidas desde os tempos bíblicos”, enumera. Segundo ela, o país é exemplo para o mundo em matéria de convivência pacífica, colaboração mútua e solidariedade: “Líbano, você sempre estará no meu coração e sempre serei a sua filha”, conclui. ■



O LÍBANO É NOSSA PÁTRIA

Dupla Cidadania – acesse: libano.gov.lb/

Soraya Del Nero

Comércio, ciência e solidariedade

Unindo o trabalho como dentista com ações sociais, Soraya Del Nero busca inspiração na trajetória familiar. Avô mascate, pai renomado cientista e a filha empenhada na melhoria da qualidade de vida em comunidade

A história familiar de Soraya Del Nero Arid mistura imigração, a atividade comercial dos mascates e... dinossauros. Aos 50 anos, ela é dentista e empresária na cidade paulista de Araçatuba, onde mantém duas clínicas - além de outras duas nas cidades de Birigui e Guararapes. Contando com uma equipe de 40 funcionários - mais vendedores externos e prestadores de serviços terceirizados - ela tem como objetivo aumentar nesses municípios o acesso popular a uma odontologia de qualidade.

A inspiração para o trabalho vem diretamente das suas raízes. Neta de libaneses, ela nasceu em São José do Rio Preto e iniciou a carreira na capital paulista, onde dedicou-se ao atendimento de pacientes em seu consultório próprio e também trabalhando na área de auditoria de seguradoras odontológicas. Fez MBA em gestão de Saúde e em seguida decidiu voltar a residir no interior do estado.

Mas história toda começa bem antes, em 1907, com o nascimento de seu avô, Moysés Arid, em Zahle, no

Libano. Filho de João (Hanna) e Labibe, ele pertencia a uma família de pequenos agricultores, composta por cinco filhos. Como a vida era difícil por lá, aos 18 anos Moysés embarcou em um navio rumo ao Brasil e aqui foi morar com o irmão José, em Cedral, na época distrito de São José do Rio Preto, que então recebia grande contingente de patricios.

Inevitavelmente, Moysés virou mascate, muitas vezes percorrendo a pé as fazendas da região, oferecendo seus produtos. Foram três anos de trabalho duro até conseguir o dinheiro para montar um pequeno comércio de secos e molhados. Moysés se casou em 1930, com uma moça com nome de flor, Açucena, filha de José e Maria Chibebe, ambos de origem libanesa. Tiveram três filhos: Sida, Ivone e Fahad, pai de Soraya. E aqui entram em cena os dinossauros.

Fahad Moysés Arid dedicou-se aos estudos, formando-se professor, geólogo e paleontólogo, iniciando brilhante carreira universitária com reconhecimento internacional. Chegou a ser diretor do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em São José



Dentista e empresária, Soraya Del Nero Arid traz nas raízes libanesas a principal motivação para o seu trabalho

do Rio Preto. Ele se tornou uma referência científica no Brasil e no exterior graças às pesquisas e estudos sobre dinossauros brasileiros. Junto com o professor Dino Vizotto, encontrou o fêmur de um titanossauro - um dos maiores já encontrados na América Latina - na estrada que liga Rio Preto a Olímpia, que viveu na região a cerca de 80 milhões de anos.

Soraya afirma que é esse espírito desbravador, baseado no trabalho e na perseverança, que a impulsiona em causas como a que chama de Projeto Construindo Sorrisos, destinado à crianças de comunidades carentes.

Apesar de valorizar tanto suas raízes, ela ainda não teve a oportunidade conhecer o Libano e ver de perto a terra dos antepassados. Mas a tradição dos valores da família, a religiosidade, o respeito aos mais velhos, tão presentes na cultura libanesa, fazem parte da sua vida em um cotidiano que começa às 6 horas da manhã e só termina à 8 da noite. Soraya faz questão de levar a filha à escola e almoça com ela todos os dias. Além da rotina profissional intensa, também pratica ioga, Reiki e ajuda a filha nas tarefas escolares: "Não sei como cabe tanta coisa no meu dia", admira-se. ■

FOTO: DIVULGAÇÃO

Os valores da família, a religiosidade, o respeito aos velhos, tão presentes na cultura libanesa, fazem parte da sua vida

Adriana Boulos

Finas estampas

Apesar de trabalhar com superfícies, a designer Adriana Boulos lida com inspirações, pesquisas e emoções profundas. Por isso está em conexão permanente com o mundo, o comportamento humano e sua herança libanesa e síria

Ela se formou em publicidade, porém o desejo de trabalhar com moda falou mais alto. Depois de completar o curso na Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo, Adriana Boulos até chegou a trabalhar em uma agência de propaganda: “Mas eu não estava feliz. Desde criança eu desenhava e queria trabalhar em moda, porém deixei isso de lado acreditando que o mais importante era ter uma profissão mais ‘business’. E acabava não me encaixando em área nenhuma”, conta.

Resolveu então seguir o coração. Primeiro fez pós-graduação em Criação Têxtil, pelo Senac, em seguida se especializou em *Fashion Design and Textile Forecasting* na renomada escola Central Saint Martins, em Londres. Hoje, é uma das mais completas profissionais do mercado brasileiro de moda e estamparia. Passou por algumas das mais importantes empresas brasileiras do segmento, como La Estampa e Rosset Têxtil, entre outras.

Há 17 anos desenvolve estampas para tecelagens e confecções, e há cinco atua no estúdio que leva seu nome.

Adriana conta que a experiência londrina a fez ter certeza de que não queria ser estilista. Com cerca de 23, 24 anos, Adriana foi morar fora por um ano. “Pensei: ‘Nossa! Que legal, dá para trabalhar em diversas outras áreas’”, lembra. Na verdade, sua visão de moda tem muito mais a ver com comportamento humano, com as diferentes tribos humanas, com as pessoas em geral e a percepção de indivíduos de diferentes culturas.

De volta ao Brasil, começou a pesquisar quem eram os profissionais de moda que trabalhavam antes da roupa, com o tecido, com o fio. “Uma amiga me indicou para trabalhar em uma indústria fábrica têxtil e fiquei lá por três anos. Acabei me encantando com o que chamamos de ‘chão de fábrica’”, declara. E aí voltou-se para suas raízes: conta. “Descobri que meu avô materno tinha máquinas de tear e chegou a ser dono de uma loja”, revela.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Fazer a diferença no mercado brasileiro é o objetivo da designer Adriana Boulos, responsável por projetos de estampas exclusivas para diversas marcas

Basicamente seu trabalho se divide entre criação e coordenação de equipes de design e o atendimento ao cliente - pois observou que o cliente preferia ser atendido pelo profissional de criação, sendo informado da origem das estampas e das cores.

Para Adriana a moda hoje é um veículo fundamental na criação de conteúdo. “Através do design e da fabricação de novos produtos, temos a oportunidade não apenas de vender, mas também de nos comunicar através de códigos não-verbais. Por exemplo, quando estamos vestidos, estamos enviando uma mensagem antes mesmo de nos apresentarmos”, explica.

Segundo ela, há cerca de 15 anos profissionais de moda viajavam e costumavam fotografar as vitrines internacionais. Essas tendências registradas tinham uma duração muito maior porque a informação não era tão acessível como hoje. “Atualmente, quando Chanel desfila, milhões de pessoas no mundo assimilam a informação que antigamente demorava para chegar ao consumidor final”, analisa. O desafio no momento é justamente filtrar o excesso de informação disponível, refinar o olhar através de pesquisas de comportamento e atuar em conjunto com marcas que buscam ressignificar sua essência e identidade. “Escolhi a estamparia e o design pois ambos trazem emoção, arte, cores e alegria. Com o passar do tempo descobri que uma estampa era muito mais do que isso. Ela carrega o DNA de uma marca, conta uma história e consegue, através da arte, vestir uma ideia e um conceito. Afinal, quem não gosta de uma boa história?”.

Sua grande paixão, além do trabalho, é viajar: “Acredito que viajando, trocamos a roupa da alma, como dizia o poeta Mario Quintana”, cita. Adriana garante não se importar se a viagem é nacional, internacional ou até visitar um bairro que não estamos acostumados a frequentar em nossa própria cidade: “É uma oportunidade para sairmos da zona de conforto”, aconselha.

Em uma dessas viagens, em 2017, estive no

Líbano e se deu conta da importância de suas origens: “Nossa, eu vim daqui”, admirou-se. Sentiu que o povo libanês é muito sensível, apaixonado e que no país a emoção está sempre presente.

Outra fonte de inspiração é a arte. Visita museus e exposições, vê filmes, pesquisa livros. Tudo aliado à imaginação para criar os conceitos que servem de base para suas coleções de estampas. Esse dom de ilustrar a moda a partir da visão dos povos e do mundo, Adriana também repassa em forma de palestras: “Gosto de Antropologia e estudo o comportamento humano, adoro observar as pessoas. Acredito que novos produtos são criados a partir dos acontecimentos mundiais e o que fazemos a respeito deles”, pontua. Seu trabalho está presente em grandes marcas de atacado e varejo no Brasil, EUA e Europa.

Adriana Boulos nasceu em São Paulo - e já viveu no Rio de Janeiro - , tem 41 anos e está solteira. Sobre as raízes libanesas conta que a família materna é síria e a do pai, veio de Trípoli, no Líbano. “Meu pai é Valter Boulos e minha mãe, Maria Tereza Gubeissi Bardaui Boulos”, informa.

“O Brasil pode ter muitos problemas, mas me sinto feliz aqui. É um lugar tão vasto que temos vários países dentro de um só. Sotaques, jeitos e trejeitos, somos tão diferentes e ao mesmo tempo tão iguais, não é mesmo? Amo meu país. Desejo muito que ele melhore e espero contribuir muito mais com o que faço”, acredita.

O amor pela família também é um de seus pilares de vida: “Quando penso no Líbano, me vêm à mente o afeto e generosidade em relação à comida. Na maior parte do tempo que estou com meus familiares, estamos sempre em torno da mesa, seja na casa da minha mãe ou no Clube Atlético Monte Líbano.

Afirma que sua força e vontade de viver vem das raízes dos cedros: “Eu me conecto muito com a força e a capacidade de adaptação à novas situações que o povo libanês carrega em suas histórias.”, declara, com o jeito bem falante muito comum entre os árabes. ■



Prof. Dr. Edmo Atique Gabriel

CRM 105226

Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular

Orientador de Nutrologia e Longevidade

Professor Livre-Docente com Especialização nos EUA

Coordenador Curso de Medicina Unilago de São José do Rio Preto

Conselheiro da Comissão Nacional de Residência Médica
e Comissão Nacional de Supervisão de Escolas Médicas

Membro do Corpo Clínico do Hospital do Coração de São Paulo,
Hospital Sírio-Libanês, Hospital Albert Einstein

Atendimento semanal nas cidades de
São José do Rio Preto e São Paulo

Atendimento programado no Rio de Janeiro e Brasília

CONTATOS

www.drgabrielcardio.com.br

Consultório São José do Rio Preto: (17) 35121970

Consultório São Paulo: (11) 25922920 ou (11) 970943029

Consultas no Rio de Janeiro ou Brasília: (11) 983780126



Maria Thereza Trad

“O sangue não vira água”

Engajada no combate à violência contra a mulher, Maria Thereza Trad é psicóloga e mãe de cinco filhos. Ela acredita que sua luta é herança dos avós libaneses, que vieram ao Brasil em busca de um mundo melhor

Se o século 20 foi a era do conhecimento, estudiosos apontam o novo século como “a era da consciência”. Ambientalismo, direitos civis, meditação... O que não falta são causas e engajamentos para cada um chamar de seu e revelar um tipo de conscientização social, política e até espiritual. A sul mato-grossense Maria Thereza Trad fez do combate à Violência Contra a Mulher sua bandeira e principal foco de ação.

Psicóloga, 46 anos, ela é direta e assume com todas as letras: “Sou uma ativista!”. No momento, é coordenadora do Centro Especializado de Atendimento à Mulher Cuña M’baretê (CEAM), criado em 1999 e vinculado à Subsecretaria Estadual de Políticas Públicas para Mulheres. “É um serviço governamental com o objetivo essencial de prestar acolhimento, atendimento e acompanhamento social e psicoterápico às mulheres em situação de violência de gênero”, explica.

Descendente de libaneses, Maria Thereza tem uma irmã, Fátima, e os três irmãos que atuam na vida pública: o senador Nelson Trad Filho, o deputado federal Fabio Trad e Marcos Marcello Trad, ou Marquinhos Trad, atual prefeito de Campo Grande. Ela mesma tentou ingressar na política ao se candidatar a deputada estadual, nas eleições de 2018. Os 5.500 votos obtidos não foram suficientes para lhe garantir uma cadeira no governo: “Aliás, Mato Grosso do Sul é o único Estado que não elegeu nenhuma mulher para a Assembleia Legislativa”, lamenta. Porém, o experiência de fazer uma campanha política mostrou-lhe, mais do que nunca, que a batalha continua e ainda há um caminho a ser percorrido.

Os Trad chegaram ao Brasil vindos de Zahle, no Líbano. Seus avós paternos, Margarida Maksoud Trad e Assaf Trad, passaram por Aquidauana, moraram algum tempo em Miranda e mais tarde se estabeleceram Campo Grande, onde nasceram os filhos: Norma, Nelson - pai de Maria Thereza, casado com Therezinha Mandetta - Marcelo e Ricardo. “Construíram seus patrimônios, desenvolveram negócios e criaram raízes”, diz.

A psicóloga também viveu em outras cidades antes de voltar para terra natal. Morou em Brasília, em Natal (RN) e Campinas (SP). Hoje é mãe de cinco filhos: Leonardo, Pedro, Giovanna, Theo, Tarik e

FOTO: ASSEMBLEIA LEGISLATIVA MS

“Porém a vontade de lutar por uma sociedade mais justa e igualitária, para todos, me dá forças para seguir em frente”

admite não ser fácil trabalho, ação social, administrar cuidar da família. “Porém a vontade de lutar por uma sociedade mais justa e igualitária, para todos, me dá forças para seguir em frente, enfrentando todos os desafios com muita fé e coragem”, ressalta com sinceridade e entusiasmo.

Em seus planos está a tão acalentada viagem ao Líbano, para conhecer a terra dos antepassados, ver a família que ainda tem por lá, com a qual mantém contato, e resgatar as raízes. “Meus avós nos ensinaram a amar e a admirar o país de onde vieram, o povo, a culinária e seus costumes”, orgulha-se.

Aponta como principais características herdadas dos avós, Margarida e Assaf, a solicitude e a gentileza. “Sou muito comunicativa, trabalhadora, guerreira, aguerrida e sagaz”, resume. Sem dúvida, qualidades que a fizeram se engajar na causa que abraçou como objetivo de vida. “Estou sempre pronta para aconselhar, orientar, e ajudar o próximo, sem medir esforços”, avisa. Maria Thereza acredita que sua missão é uma continuidade da luta que trouxe seus avós para o Brasil. E então se lembra com carinho do pai, Nelson Trad: “Ele dizia, ‘sangue não vira água’, e tenho muito orgulho em minhas veias correr o sangue libanês”, declara com convicção e fé no futuro. ■

Carmen Ary Ferreira

Construção com alma libanesa

De Fortaleza, a empresária Carmen Ary Ferreira leva a identidade do Líbano na família e nos negócios

Carmen Ary Ferreira atua há 25 anos com corretora de imóveis, exercendo essa profissão como diretora superintendente da empresa Flat Shop – Imobiliária, com negócios nas regiões de Fortaleza, Cumbuco e em Taíba, no Ceará. Sua ascendência árabe lhe conferiu o amor pela gastronomia, a união com a comunidade libanesa e a vocação para atuar na área de imóveis.

Filha do engenheiro civil Cesar Aziz Ary e de Clea Ziebell Ary e neta de Aziz Ary e Neuza Romcy Ary, casada há 40 anos com o empresário da construção civil, Roberto Ferreira Neto. Carmen se formou em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza. “Terra sempre foi a principal escolha dos libaneses para investimentos, por isso gosto tanto de atuar na área de assessoria imobiliária, estudando a vocação dos locais e bairros, bem como, captando bem as demandas dos clientes”, observa. Em seu trabalho, Carmen pratica a personalização do atendimento, estando atenta, na

busca do equilíbrio entre o sonho e a realidade.

“Nasci entre engenheiros e arquitetos, portanto, minha relação com a área de construções e decorações é muito forte. Sou também muito interessada em artesanato e jardinagem. Isso tudo me influencia como pessoa. Vejo a vida como uma construção, tanto na parte física, tijolo, argamassa, concreto, madeira, como na parte do relacionamento e desenvolvimento humano”, destaca a corretora de imóveis.

A família está presente nos negócios. A filha Renata é sua sócia e diretora do escritório de Fortaleza. “Nos dedicamos também à locação por temporada e tenho nesse setor a importante ajuda de meus irmãos Júlio Cesar e Adriana. Temos ainda uma propriedade na praia da Taíba, que alugamos, principalmente nos fins de semana. Esse trabalho é muito prazeroso para mim. Fiquei bastante orgulhosa por ter sido agraciada, neste ano, com o título de Super Hostel, concedido pelo Airbnb”, revela ela.

Embora não tenha visitado o Líbano ainda, o país se faz presente em sua família. Seu pai já visitou o Líbano duas vezes, em 1995 e 2006, quando, ao

longo de mais de 20 dias, percorreu toda a nação. Após essas viagens, ele escreveu e publicou um importante livro intitulado “Príncipes da Mente - As famílias libanesas no Ceará”, com grande repercussão nacional. “Meus três irmãos: Júlio Cesar, Aziz Neto e Adriana já foram para o Líbano. Pretendo fazer o mesmo, em breve, se possível em companhia de meu pai”, planeja Carmen.

Ela conta que viveu no seio da comunidade libanesa de Fortaleza e das famílias Romcy (Homs) e Ary (al Kary) e tem saudades do extinto Clube Líbano Brasileiro, fundado por seu avô, Aziz Ary, que foi cônsul honorário do Líbano até sua morte, em 1966. “Fui criada vendo minha avó paterna Neuza, preparando quibe, esfíha, tabule, fatuche, labne, barase, e muitas outras iguarias árabes. Nos domingos tínhamos sempre reuniões festivas com tios, primos e amigos. Eu me orgulho de fazer parte dessas famílias de gente de bem, que estão sempre se ajudando, com constante espírito de solidariedade. Quanto mais o tempo passa, mais essa consciência me faz feliz. Somos todos ‘brimos’ e ‘brimas’”, orgulha-se. ■

FOTO: DIVULGAÇÃO



A empresária Carmen Ary Ferreira vê a vida como uma construção, tanto na parte física, como no relacionamento e desenvolvimento humano

“Fiquei bastante orgulhosa por ter sido agraciada, neste ano, com o título de Super Hostel, concedido pelo Airbnb”

Marcela Oliveira Saad Gattaz

Cardápio perfeito

Descendente de um grande clã libanês, Marcela Oliveira Saad Gattaz, fez da alimentação profissão. Nutricionista, criou uma marca de alimentos saudáveis para levar às pessoas o sabor e os benefícios de um Spa

Alimentação saudável e *wellness* são as principais preocupações de Marcela de Oliveira Saad Gattaz em seu trabalho como nutricionista. Ela é sócia proprietária da Light Food Way, empresa e franchising do ramo de alimentos saudáveis de qualidade com mais de 30 franquias espalhadas por todo o Brasil. Sob o slogan “O caminho da alimentação saudável”, o negócio tem como objetivo atender quem deseja unir praticidade com um estilo de vida voltado para o bem estar da mente e do corpo. Afinal, nem todo mundo pode ou têm tempo disponível para permanecer dias hospedadas em um desses estabelecimentos com todo o tipo de terapias e tratamentos para o corpo. “Nossa missão é tornar acessível novos conceitos de sabor e qualidade com garantia de bom atendimento e aperfeiçoamento dos serviços prestados, através de um cardápio balanceado, como o mundo de hoje exige”, resume Marcela.

Nascida em São José do Rio Preto, há 36 anos, ela descende libaneses vindos de Hasbaya, no sul do Líbano. Seu avô, Saad Abdalla Gattaz, é da primeira geração brasileira da família. Nasceu em Catanduva, no interior de São Paulo, em 1921, porém fincou raízes em Monte Aprazível, cidade que amou profundamente pelo resto da vida. “Foi onde ele realizou sua missão como pai de família, trabalhador e homem público respeitado por todos”, conta Marcela. Saad teve mais quatro irmãos que se dedicaram à agricultura e tornaram-se prósperos fazendeiros da região, com plantações de milho, arroz e feijão.

A empresária confessa ter uma rotina intensa de trabalho que tenta conciliar com a vida pessoal, onde entra seu gosto pelas viagens. Infelizmente ainda não visitou o Líbano, mas garante que traz dentro de si os hábitos, costumes e tradições da cultura árabe. “Sou muito ligada à família e adoro comida libanesa”, diz. Não é à toa que escolheu trabalhar na área da alimentação: “Eu amo levar saúde para as pessoas e se alimentar bem significa isso para mim”, conclui. ■



FOTO: DIVULGAÇÃO

Marcela Saad Gattaz, garante que seu lema no trabalho, como nutricionista e empresária, é levar saúde para as pessoas e se alimentar bem

Nicole Mattar

No melhor momento

Em uma carreira iniciada muito cedo, a advogada Nicole Mattar Terpins escreveu sua história com base nos desafios que superou. Atualmente, está à frente da reestruturação de uma das maiores empresas da indústria naval brasileira. Aqui, ela conta como as raízes libanesas influenciaram sua trajetória

A superação marca a trajetória de Nicole Mattar Haddad Terpins. Paulista de São José dos Campos, 40 anos, ela se formou em Direito e iniciou a carreira exercendo a advocacia, porém aos poucos começou a migrar para o setor corporativo. Seu foco: situações complexas, em especial operações societárias e reestruturação de empresas. Em 2019 assumiu a missão de comandar o processo de reestruturação do Estaleiro Atlântico Sul, empresa com sede no Complexo Industrial Portuário de Suape, em Pernambuco.

Descendente de libaneses por parte de pai e mãe, Nicole conta que o bisavô paterno, Jorge Haddad, veio do Líbano e se estabeleceu no interior de São Paulo. “Uma família iniciada de maneira muito simples. Meu avô, Antônio Haddad, chegou a ser engraxate quando criança. Mais tarde, a família abriu uma loja de eletrônicos e utensílios domésticos, a partir daí seguiu-se uma bela trajetória. Ao se mudar para São Paulo meu avô fundou uma fábrica de espuma, que chegou a ser a maior do Brasil. Meu pai, também Antônio, seguiu o exemplo de seu pai também

tornando-se empresário, tendo se formado na Fundação Getúlio Vargas”, lembra.

Nicole assume que foi seu “amor pelo debate” o principal motivo para a escolha profissional, porém seu avô Antônio tornou-se uma figura decisiva no processo. “Já com idade avançada, ele resolveu se formar em Direito e me presenteou com seu anel de bacharelado”, recorda com carinho. Aos 17 anos ela já estava trabalhando em escritórios de advocacia e, aos 33, assumiu a primeira posição como executiva.

Com mestrado em Direito Comercial pela USP e especialização em negociações avançadas pelo Harvard Institute, ao longo dos anos a advogada especializou-se em direito societário, tornando-se sócia responsável pelo departamento de fusões e aquisições de um escritório boutique, conduzindo operações comerciais, tanto locais como além das fronteiras (cross-border), envolvendo grandes empresas e renomados escritórios. Em 2014, depois de passar uma temporada de trabalho no exterior, assumiu a diretoria jurídica do Estaleiro Atlântico Sul (EAS). Na época, o EAS construía o seu quinto navio para a Transpetro. Em junho de 2019, entregou o seu 15º e último navio. Assumiu então a Presidência, em agosto de 2019, com a missão de comandar o processo de reestruturação da companhia.



FOTOS: MARTA SANTOS

A advogada Nicole Mattar está à frente da reestruturação de uma das maiores empresas da indústria naval brasileira

Casada e mãe de dois filhos, Nicole Mattar vê na família seu porto seguro



“A beleza da vida não está em cair, mas em saber se levantar. E para isso você tem que ter energia e acreditar no que está buscando”

“Acredito em transformações. Quando as condições mudam, você se ajusta. Há várias formas de reestruturação e as razões são as mais diversas, por vezes boas, por vezes ruins. Empresas reestruturam tanto para crescer como para diminuir. A beleza está em reconhecer, na hora certa, a necessidade de mudanças e agir rápido para que os objetivos não se percam ao longo do tempo”, explica.

Casada e mãe de dois filhos, Nicole vê a família como porto seguro, o lugar onde mais gosta de estar. “Procuro conciliar trabalho e família com disciplina e serenidade, respeitando o tempo dedicado necessário a cada um”, observa com ponderação.

As raízes libanesas já foram devidamente celebradas em uma viagem ao Líbano, onde declarou seu amor pela pátria ancestral: “Foi fantástico. Estivemos no Líbano para o casamento da filha de meu padraсто, Carlos Jafet. Uma das viagens mais incríveis que fiz. Eu me identifiquei imediatamente com a cultura, os costumes, as pessoas. Encontrei familiares e voltei muito orgulhosa de minhas origens”. Dos antepassados, acredita ter herdado a resiliência e a fé. “Creio que são as principais heranças de minhas origens. A beleza da vida não está em cair, mas em saber se levantar. E para isso você tem que ter energia e acreditar no que está buscando”, ensina. ■



CAMPANHA PRÓ
NOVA SEDE DO
CONSULADO
GERAL DO
LÍBANO
EM SÃO PAULO

MUDAR PARA SERVIR MELHOR

A comunidade libanesa de São Paulo tem indicado que deveríamos ampliar as instalações atuais de nosso Consulado, localizado na Avenida Paulista, num espaço modesto e insuficiente. Hoje, temos funcionários dedicados e competentes, mas instalações pequenas. A nova sede deve refletir a importância do Líbano e dos libaneses na história do Brasil e da humanidade. Estamos procurando esse novo local, mas precisamos de sua colaboração. Os doadores terão seus nomes gravados para sempre na recepção do novo Consulado, de acordo com a categoria de doação.

BRONZE: R\$ 5.000,00 (cinco mil reais)
PRATA: R\$ 20.000,00 (vinte mil reais)
OURO: R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais)
PLATINA: R\$ 100.000,00 (cem mil reais)

**É UM MOMENTO
HISTÓRICO.
APROVEITE-O!
CONTRIBUA AGORA
COM O QUE PUDER!**

**BANCO SANTANDER,
AGÊNCIA 3409, CONTA 13010501-5,
CLIENTE CONSULADO GERAL DO LÍBANO,
CNPJ 05.034.412/0001-66**

ARTIGO

Por Edmo Atique Gabriel*



AS MULHERES SÃO ESPECIAIS E SUA SAÚDE CARDIOVASCULAR MAIS AINDA

Os batimentos cardíacos maternos podem aumentar para compensar a necessidade de maior fluxo sanguíneo para o feto

O papel da mulher é precípuo na gênese da vida. Na geração de um novo ser humano. A função maternal é um privilégio feminino, dádiva divina e garantia da descendência e perpetuação das espécies. Quantos ensinamentos a natureza encerra no tocante ao exercício pleno da maternidade! Quantos princípios filosóficos e religiosos versam sobre este dom de protagonizar o despontar da vida!

Não são apenas facetas poéticas que caracterizam as mães, mas existe também um complexo universo de fenômenos biológicos e hormonais que cercam o processo da gestação. Como sabemos, a gestação humana tem a duração média de nove meses. O primeiro trimestre da gravidez pode ser considerado como essencial para constituição geral do feto.

Do ponto de vista do coração do feto, muitas anomalias podem aparecer neste período, caso as futuras mães não adotem algumas precauções

e hábitos de vida saudáveis. Relativamente a estes hábitos e precauções, seria importante enfatizar que as mulheres não deveriam contrair doenças infectocontagiosas, fumar, consumir bebidas alcoólicas, usar drogas ilícitas e utilizar medicamentos convencionais sem a devida orientação médica.

Além do risco de malformação fetal geral, os hábitos citados podem promover graves malformações cardíacas no feto e estas, por sua vez, podem contribuir para parto prematuro e risco de morte elevado para o bebê, logo após o nascimento. Denominamos de cardiopatias congênitas o conjunto de anomalias cardíacas que podem acometer o coração do bebê, muitas vezes transformando o momento maravilhoso da concepção num momento de profunda apreensão quanto a eventual necessidade de intervenção cirúrgica no coração do bebê.

Como já pontuado, a saúde do coração fetal depende diretamente da saúde cardiovascular

“O primeiro trimestre da gravidez pode ser considerado como essencial para constituição geral do feto”



da gestante. Sabe-se que, no decorrer do curso gravídico, o coração da gestante apresenta muitas adaptações fisiológicas. Os batimentos cardíacos maternos, por exemplo, podem aumentar para compensar a necessidade de maior fluxo sanguíneo para o feto. Da mesma forma, variações de pressão arterial nas gestantes denotam ajustes de fluxo sanguíneo para o feto. No final do curso gravídico, as mulheres apresentam-se mais inchadas e este profuso acúmulo de líquido gera graus variados de anemia na gestante. Embora esta anemia seja fisiológica e inerente à fase final da gestação, o coração materno terá de trabalhar mais e isso se traduz pela maior frequência de palpitações cardíacas e cansaço.

Diante destas ponderações, admitir que a futura mamãe apresente quadros acentuados de arritmia cardíaca como também crises hipertensivas frequentes implica em considerável aumento do risco cardiovascular não somente para a gestante, mas também para o feto.

Para prevenção de arritmias cardíacas na gestante, recomenda-se que ela utilize medicamentos somente sob supervisão de seu cardiologista, que não faça exercícios físicos sem orientação médica e evite alimentos ou líquidos estimulantes, como aqueles ricos em cafeína. As crises hipertensivas na gestante são extremamente preocupantes e as medidas preventivas e terapêuticas requerem contundência.

O uso controlado do sal e temperos nas refeições e moderado consumo de café e alguns tipos de chá, além do emprego de alguns medicamentos convencionais, pode prover melhor controle da pressão arterial, diminuindo o risco cardiovascular na gestante ao longo da gravidez e no momento do parto. Soma-se a isto o fato de que a prevenção e o tratamento de crises hipertensivas na gestante são estratégias decisivas para evitar a interrupção precoce da gravidez e consequente prematuridade do bebê. ■

* Edmo Atique Gabriel é professor e médico cardiologista

FOTOS: DIVULGAÇÃO E FREEPIK.COM

Lara Selem

Sob as leis dos cedros

Advogada e escritora dedicada à Gestão de Escritórios de Advocacia, Lara Selem, tem como inspiração a forte tradição dos princípios empreendedores de suas raízes libanesas

A apaixonada por seu ofício, Lara Selem dedicou metade de sua vida à advocacia: “Minha atuação é na área de gestão de serviços no mercado jurídico e abracei essa profissão, há 25 anos, com a missão diária de fortalecer a advocacia brasileira”, declara. É autora de 16 livros em sua área e através de sua empresa já prestou consultoria para cerca de 700 escritórios de advocacia em todo o País. “Fazendo valer nosso espírito empreendedor, estamos lançando, em plena pandemia, mais um modelo de negócios utilizando as novas plataformas digitais para revolucionar o mercado jurídico”, diz com entusiasmo.

Com uma média de 200 dias viajando pelo Brasil todos os anos, Lara Selem já percorreu quase os 27 estados várias vezes, seja atendendo clientes, seja proferindo aulas e palestras. Com muito orgulho, é a primeira presidente da Comissão Especial de Gestão, Empreendedorismo e Inovação do Conselho Federal da OAB.

Internacionalmente, é membro da *Association of Legal Administrators* com sede em Chicago, desde 2009, e já percorreu inúmeros estados norte-americanos em busca de desenvolvimento e network em torno da Gestão Legal. Também já palestrou em

Angola (2010) e Moçambique (2012) para advogados africanos ávidos por melhores práticas de gestão.

Sul mato-grossense residente há 20 anos em Curitiba, Lara descende de libaneses vindos de Kawkaba. “Ainda não fui ao Líbano, mas pretendo num futuro próximo, pois tenho grande curiosidade de conhecer a terra do meu avô”. Ela considera que a dedicação profissional na área jurídica tem tudo a ver com os fortes princípios que lhe foram transmitidos pelos pais, especialmente pela visão empreendedora abrangente do mundo dos negócios. Sem falar, claro, do caráter exuberante da cultura e culinária libanesas: “Sou apaixonada pelas minhas raízes”, faz questão de ressaltar.

Em sua visão, empreender é colocar toda a sua energia em prol de algo que você deseja. Empreender não é copiar o outro, mas se inspirar no outro. Não é resolver um problema aqui, outro ali sem direção. Empreender significa colocar a sua pele em jogo. Assim, torna-se óbvia a necessidade de treinar habilidades específicas - saber correr riscos calculados, fazer planejamento, conectar com pessoas. É importante saber que o livre mercado é um jogo adulto, que ninguém está nem aí pra você, muito menos o cliente, e ganha quem souber jogar melhor com as melhores e mais éticas armas. Esse é o espírito libanês que a acompanha. ■

FOTO: NGLow



Lara Selem, advogada, palestrante e autora de 16 livros em sua área, através de sua empresa prestou consultoria para cerca de 700 escritórios de advocacia em todo o País

Rosário Jorge do Amaral

Cidadã do mundo

Nascida na República Dominicana, Rosário Jorge do Amaral seguiu carreira diplomática em missões por diversos países. Casada com um diplomata brasileiro, continuou a peregrinação. Hoje se sente mais libanesa do que nunca

A primeira peculiaridade com relação à Rosário Jorge do Amaral está em seu próprio nome. Na verdade, seu sobrenome é Tarabay, mas como aconteceu com vários imigrantes ao redor do mundo, quando o primeiro de seus antepassados chegou à República Dominicana - país onde ela nasceu, na cidade de Santiago de Los 30 Caballeros - foi registrado com um sobrenome diferente. “Ele era chamado George Tarabay, porém o notário dominicano achou Tarabay muito complicado e mudou para Jorge, usando como sobrenome a versão em espanhol do pré-nome”, conta. Sua ascendência libanesa vem por parte de pai. A avó, Sarah Betz, nasceu em Ghazir, distrito Kesrwan, Monte Líbano. Ela chegou na República Dominicana em 1913 para se casar com o avô de Rosário, Simon Jorge, natural de Safra, também no Líbano.

Atualmente Rosário - advogada, 62 anos - vive em São Paulo, mas já morou em Washington, Genebra, Londres, Paris e Brasília devido à sua própria carreira diplomática e também de seu ex-marido, o diplomata brasileiro Sergio do Amaral. No Brasil trabalhou no cerimonial dos presidentes Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso.

“Pratiquei o Direito por muito pouco tempo, pois ingressei na carreira diplomata da República Dominicana em 1982, quando fui transferida para Washington. Ali trabalhei na embaixada por dois anos no setor cultural, e na missão junto à Organização dos Estados Americanos por quatro anos”, recorda. a mudança profissional veio em 1988, quando se casou com Sergio do Amaral, que trabalhava na embaixada brasileira em Washington. Como ele estava sendo transferido para Brasília, ela abriu mão da carreira diplomática - depois de tentar, sem sucesso, uma transferência para a capital brasileira junto ao Ministério das Relações Exteriores da República Dominicana. “Seria muito complicado continuar na carreira sendo casada com um diplomata de outro país e, por isso, renunciei”, explica.

Em Brasília, trabalhou como assessora no Banco Interamericano de Desenvolvimento, até o marido ser transferido para Genebra. Na Suíça se dedicou a algo totalmente diferente: “Fui colaboradora social de um Centro de Refugiados Políticos”, conta e declara ter sido uma experiência maravilhosa.

Já mãe de duas filhas - Camila, 2 anos, e Adrian, com apenas 3 meses - acompanhou o marido de volta a Washington, dedicando-se apenas às meninas e à casa. Só voltaria ao mercado de trabalho quando se mudaram novamente para Brasília, alguns anos depois.

Era o governo Itamar Franco e Rosário ocupou cargo no Cerimonial da Presidência no Palácio do Planalto, prosseguindo na função durante o primeiro ano de gestão Fernando Henrique Cardoso. Em seguida, aceitou o convite da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência para atuar no desenvolvimento “de um projeto bem interessante”, o Brasil 2020.

Em 1999, Sergio do Amaral tornou-se embaixador em Londres, onde a família permaneceu por dois anos e meio. De volta à Brasília, Rosário começou a trabalhar como assessora internacional do Ministério do Turismo e depois, na mesma função, no Ministério dos Transportes. A embaixada em Paris foi o próximo destino, entre 2003 e 2005. Quando retornou ao Brasil, ela optou por morar na capital trabalhando como assessora internacional da Paulistur. E ao voltar a Brasília, em 2009, foi assessora do senador Marconi Perillo e, em seguida, de seu suplente, Ciro Miranda.

Hoje, aposentada, Rosário avisa que continua muito ativa: “Minha filhas trabalham, são independentes, então pertenço à Associação das Consulesas de São Paulo, à São Paulo Accueil e pratico três horas de esporte diariamente”, diz satisfeita.

Na peregrinação por tantos países não podia faltar a terra natal dos antepassados: “Fui ao Líbano aos 23 anos, quando morava fazendo mestrado em Direito comercial em Quebec, no Canadá, em Quebec. Era julho de 1982 e, dias depois, Israel invadiu o Líbano. Por falta de transporte tive de ficar meses lá. Acabei saindo de carro pela Síria, onde fui a Damasco, mas foi uma aventura tão perigosa e tensa que não me lembro nada da cidade”, admite.

Já sobre o Líbano as recordações são vívidas e felizes: “Adorei o país, as pessoas, a comida, a música, a hospitalidade. Tudo é lindo! As montanhas, os cedros, o mar. Eu não queria ir embora e quero voltar um dia, com as minhas filhas. Quero que elas se sintam tão libanesas quanto eu”, planeja.

Apesar de ter vivido em tantos países diferentes é o Líbano que Rosário diz carregar no coração e em sua memória. “O Líbano está dentro de mim desde que era criança. Tive a sorte e o privilégio de morar com a minha avó paterna. Uma libanesa lutadora, sensível, amorosa, generosa, doce e que cozinhava maravilhosamente bem. Ela nos deleitava diariamente com pratos deliciosos que aprendi a fazer”, conclui com muito amor e orgulho. ■

FOTO: DIVULGAÇÃO



Rosário Jorge do Amaral iniciou-se na carreira diplomática em Washington e, mais tarde, atuou no cerimonial dos presidentes Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso

“Pratiquei o Direito ..., pois ingressei na carreira diplomata da República Dominicana em 1982, quando fui transferida para Washington”

Dora Razuck

A vida pode ser doce

Filha de pai sírio e mãe de origem libanesa, Dora Razuck fez da sua paixão por doces um negócio de sucesso. Reconhecida como uma das melhores no seu ramo em São Paulo, ela gosta de falar da família que lhe ensinou tudo

Os bem-casados de Dora Zahr Razuck são famosos em São Paulo há mais de duas décadas. Aos 75 anos, Dora continua comandando seu império de delícias - sonoramente batizado

Adora Doces - agora, com ajuda dos filhos Daniel, Alexandre e Luciano.

Nascida em São Paulo, Dora é filha de Naji Zahr, que veio de Homs, na Síria, e de Isabel Kaukaben Zahr, nascida em Jaboticabal, descendente de libaneses. “Meu pai estava muito bem de vida. Ele era comerciante da rua 25 de Março, atacadista de diversos produtos como sabonetes e cosméticos”, recorda. O velho Naji Mas também era conservador e rigoroso. “Não me formei porque meu pai não deixou. Estudei até o científico e parei. Fiz outros cursos, como inglês, porque meu pai estava muito bem de vida e não aceitava que a filha dele fizesse uma faculdade”, conta.

Aos 20 anos Dora se casou com Alfredo Razuck, também descendente de libaneses. Com o casamento veio o interesse em se aperfeiçoar como doceira de mão cheia: “Desde mocinha gostava de fazer doces, costumava servi-los quando minha mãe recebia em casa. As visitas ficavam encantadas porque eram doces maravilhosos. Fiz cursos com as melhores doceiras”, diz sem sombra de modéstia. Aliás, ela mesma fez os doces de seu noivado e casamento.

“Meu casamento foi feliz, moramos com meus pais e depois fomos para nossa própria casa, mas de repente, do dia para a noite, nossa vida mudou. Meu marido perdeu o emprego e então vi que precisa ajudá-lo”, lembra. O que ela sabia fazer melhor? Doces!

Decidiu ir à luta, batalhou, começou fazendo doces em casa, pequenas quantidades e, com o passar do tempo, viu-se atendendo encomenda cada vez maiores. “De repente, fiquei famosa!”, diverte-se. “Comecei a atender festas de casamento,



FOTO: FOUAD NAIME

Sucesso em família: dona Dora Razuck cercada pelos filhos, Daniel, Alexandre e Luciano

praticamente todos os casamentos que aconteciam no clube Monte Líbano, no Sírio e para os melhores lugares que havia”, conta com orgulho.

A demanda, claro, cresceu mais ainda e a casa onde morava a família já não comportava a produção. “Com a ajuda do meu filho que havia se formado em Engenharia, comecei a procurar um imóvel para ‘uma porta para o mundo’”, fala. Encontraram uma pequena casa na alameda Campinas, no bairro paulistano dos Jardins, em 1994. Quatro anos depois alugaram um espaço um pouco maior em Moema e dobraram a produção. “Graças a Deus estamos bem, não há do que se queixar”, constata a empreendedora de sucesso. “Lutei muito, mas venci”.

Sem dúvida houve dificuldades. No início eram apenas três funcionários que viraram trinta. Infelizmente devido a problemas com a situação econômica do país teve de diminuir a operação de três lojas para apenas uma. “Na vida é importante você dar um passo para trás para poder dar outro para frente”, ensina. Os três filhos de Dora são engenheiros, mas deixaram a profissão para se dedicar ao negócio em família.

Ela nunca foi ao Líbano ou à Síria, mas chegou até Istambul, na Turquia. Na época da viagem, não foi possível visitar os países dos ancestrais. “Depois o dólar foi aumentando, o trabalho também e eu parei de viajar”, resume. Da Turquia, recorda ter

adorado o modo simples como o povo trabalha, sem luxos. Agora deseja conhecer Dubai.

Evidentemente as origens árabes são motivo de orgulho: “Sou muito feliz e adoro ter sido filha dos meus pais. Defendo qualquer coisa que eles me falaram”, deixa claro. Dora lembra de um dos ensinamentos de seu pai: “Nunca pegue dinheiro emprestado a juros”. Quando ela perguntava o motivo, ele era direto: “Juros trabalham 24 horas por dia, sábado, domingo e feriado. Por mais que o seu corpo trabalhe, ele não consegue pagar”. Ela passou a lição para os filhos. Outro ensinamento do pai é o de não se preocupar em ter de pagar aluguel e ter suas próprias lojas. Atualmente, a loja que era do pai, na 25 de Março, ficou para o tio. Muito do que o pai dizia era em árabe e Dora não fala o idioma. “Meus irmãos, que iam muito na loja da 25, falam bem o árabe e eu até entendo um pouquinho, mas muito pouco”, reconhece.

Os pais morreram cedo: “Meu pai aos 70 anos e minha mãe com 69. Fazem mais de 45 anos. Eu tinha 25 e estava recém-casada. Meu pai veio da Síria com pouca bagagem, sem saber falar a língua do país, mas era de uma inteligência muito grande. Chegou, trabalhou como camelô, depois, não sei... Ele contava a história dele... Ele conseguiu trazer a família inteira da Síria para o Brasil. Ficou rico, milionário, porque naquela época dava para se fazer dinheiro”, conclui nostálgica. ■

“ Desde mocinha gostava de fazer doces, costumava servi-los quando minha mãe recebia em casa. As visitas ficavam encantadas ...”

CAMPOS DO JORDÃO - SP à 200 km de SP

 **GOLDEN PARK NACIONAL INN**
Campos do Jordão



reservas@goldenparkcampos.com.br
Reservas: (12) 3662.1615 - 3662.4088

Campos do Jordão
Rod. Floriano Rodrigues Pinheiro, 2000

FAÇA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

POÇOS DE CALDAS - MG à 250 Km de SP

 **GOLDEN PARK NACIONAL INN**
Poços de Caldas



ALL INCLUSIVE



reservas@goldenparkpocos.com.br
+55 (35) 2101-9900

Avenida Vereador Edmundo Cardillo, 3608
Parque Vivaldi Leite Ribeiro

www.nacionalinn.com.br



Carmen Helou, reconhecida como uma das melhores corretoras de São Paulo

Carmen Helou

O cliente em primeiro lugar

Ela diz que o exemplo paterno e o espírito dos mercadores fenícios fizeram dela uma vendedora brilhante. Primeiro no ramo de joias, hoje no setor imobiliário de luxo. Carmen Helou acredita, sobretudo, que comprar e vender é negociar com os sonhos

Carmen Luiza Travessos Helou é referência para quem busca imóveis de alto padrão em São Paulo. Há 16 anos, na Imobiliária Coelho da Fonseca, e atualmente como gerente do segmento *Private*, Carmen transforma os sonhos da casa ou do apartamento dos clientes em realidade. Sua trajetória e expertise nessa área estão no DNA. Seu pai, Washington Helou, filho de libaneses - o avô, Michel Helou era de Trípoli - foi corretor respeitado na capital paulista e ela honra essa tradição. “O mercado imobiliário me atrai muito. Acho que realmente que está no meu sangue libanês”, assume Carmen.

Paulistana, de 69 anos, Carmen é formada em Turismo, pela Universidade Anhembi Morumbi. Tornou-se corretora de imóveis trazida para o setor pelo empresário Álvaro Coelho da Fonseca, proprietário da imobiliária. “Trabalho no topo do mercado, que é o *private broker* da empresa. É simplesmente maravilhoso”, comenta.

O *private broker* é um departamento criado há 18 anos para atender os clientes especiais da imobiliária. “Não são necessariamente os que pagam valor AAA, mas os amigos, os conhecidos – porque o nosso trabalho todo se dá em relacionamento – quem indicou quem, quem atendeu quem, quem apresentou”, explica Carmen. “Na verdade, toda imobiliária trabalha a partir desse conceito de atendimento diferenciado, mas a ideia é atender um nicho específico, mostrando que entende do segmento e das necessidades, tanto de quem vende um imóvel, quanto de quem compra”.

Os tempos digitais não mudaram a lógica da venda de imóveis, mas tornaram o público mais exigente. “Hoje o cliente sabe exatamente o que está comprando. A internet está aí para quem quiser. O atendimento deve ser personalizado, o cliente exige ser bem atendido. Quem vai comprar continua acreditando que o imóvel tem de ser visto, visitado, olhado, discutido. Não se compra nem se vende um imóvel online, mas sim pelo atendimento de um corretor com avaliação correta de todas as variáveis possíveis”, deixa bem claro. “Nesse processo, o papel do corretor é fundamental, por ser o intermediário no entendimento das expectativas do comprador e do vendedor”, ensina.

FOTO: DIVULGAÇÃO

“Hoje não se compra nem se vende um imóvel online, mas sim pelo atendimento de um corretor com avaliação correta”

Para Carmen, o principal projeto na vida é continuar trabalhando da melhor maneira possível na empresa que a acolheu, que ela gosta e respeita. E nessa função também aprendeu várias lições. “Uma delas foi a experiência de administrar as ansiedades, minha, dos corretores e dos clientes. Porque todos têm a sua ansiedade no meio de uma negociação. É preciso ter paciência para entender a personalidade de cada cliente e de cada corretor da minha equipe. É uma experiência de vida de saber administrar e entender as pessoas de uma maneira geral”, resume.

Por essas e outras, Carmen é reconhecida como “uma das melhores corretoras de São Paulo”. “Fico lisonjeada e, sim, me considero muito competente. Principalmente pela escola do Álvaro Coelho da Fonseca”, admite. Para ela, esse reconhecimento é bom e, ao mesmo tempo, desafiador, pois as expectativas sobre suas vendas aumentam consideravelmente. “Tive grandes satisfações nessa área. Vou me permitir não citar nem valores nem nomes, por considerar algo delicado em relação aos colegas e clientes. E o mais gostoso da profissão é o prazer de completar a venda. Não é nem a comissão, mas a negociação”, declara como boa descendente de árabes.

Por conta desse sucesso, Carmen já foi várias vezes campeã de vendas, como corretora e gerente. “O desafio da premiação é o aumento de exigência e expectativas, assim como do risco de não se manter a posição”, reconhece.

Nem sempre Carmen esteve ligada ao setor imobiliário, durante quase 30 anos trabalhou na joalheria H.Stern. nem sempre esteve relacionada ao mundo dos imóveis. “Comecei muito jovem como assessora de recepção. Fui eu quem decidi começar trabalhar porque meu pai, libanês, fazia questão de mostrar como importante o trabalho e, também, porque queria ter meu próprio dinheiro, conta.

Era recepcionista bilíngue, “a única coisa que eu sabia fazer”, diz. “Porque estudava em um colégio francês, que não preparava para nada além de casar-se, ficar bonitinha, cuidar da casa, aquela coisa toda”, diverte-se. E lembra que os colegas da época brincavam, logo passaram a chamá-la carinhosamente de “libanesa comerciante”.

Para Carmen, a empresa joalheira foi sua grande escola de venda. “A última loja que comande foi a da rua Oscar Freire, que também inaugurei. Já tinha até me desligado da companhia quando seu Hans Stern (1922-2007) [fundador e presidente da marca] me chamou de volta porque dizia que eu era a sua única gerente VIP”, conta.

Em 2005 ela foi convidada por Álvaro Coelho da Fonseca para fazer parte de sua empresa. A resposta foi imediata: “Eu não sei se sei vender imóveis”. Ele insistiu: “Se a filha do Washington Helou não souber vender imóvel, ninguém sabe”. E o resto, como se diz, é História.

Pode-se dizer que, através de sua experiência profissional, Carmen conhece a elite paulista. “É uma clientela exigente, que sabe o que está comprando e exige um bom atendimento”, define. Perguntada se prefere vender móveis ou joias, ela não titubeia: “De longe, imóveis. Porque, além de investimento e segurança, também está se vendendo um sonho. A joia também é um sonho, mas não é investimento. A joia é revendida por um valor menor do que foi comprada. O imóvel não, ele valoriza, o comprador ganha dinheiro”, ensina.

Fora do trabalho, Carmen Helou se dedica à família. Sem filhos, sua atenção é toda voltada para a mãe, Maria Luiza, e os irmãos Ana Maria, Roberto, Maria Beatriz e Marcos Travessos Helou.

“A joia é revendida por um valor menor do que foi comprada. O imóvel não, ele valoriza, o comprador ganha dinheiro”

Já as raízes libanesas ela resgatou nos anos 70, recém-saída da adolescência, vivendo um ano na terra de seus antepassados, na casa da prima Claude Helou, em Beirute. “O pai dela, era meu tio-avô, Antoine, e fiquei perdidamente encantada com o Líbano”, declara. “Foi um momento muito divertido da minha vida e quero viajar para lá novamente”, diz animada.

Segundo ela, a mistura de pai filho de libanês com italiana e mãe paulistana, é das mais interessantes: “Acho que nós Helou somos um pouco fenícios e não árabes, porque os libaneses são fenícios. Ao mesmo tempo, temos a raiz brasileira, do paulista plantador de café, criador de boi e acadêmico com meu avô materno. Essa mistura, eu acho, foi quem mediu o sangue de vendedora”, avalia.

Dos ancestrais libaneses, destaca valores como trabalho, ética e decência. “Meu pai era um homem fantástico e trabalhador. Meu avô Michel Helou chegou pobre no Brasil, criou sete filhos com o dinheiro de muito trabalho. E isso a gente carrega pela vida toda. A postura, o respeito pelo outro, pela luta diária da vida”, finaliza com muito orgulho. ■



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

MOKKAI
JEANS

Mokkai
seu novo
jeans!

 @mokkaijeans

 mokkai jeans

Rua Xavantes 505 • Brás • São Paulo • SP • Fones: 11 2291.2621 2291. 3242